

CAMILO CASTELO BRANCO
O MORGADO DE FAFE
AMOROSO



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

CAMILO CASTELO BRANCO
O MORGADO DE FAFE
AMOROSO



Edição de Ângela Correia, Mafalda Pereira e Patrícia Franco

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

LISBOA - 2020

© **N** I M P R E N S A
N A C I O N A L

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA A COMERCIALIZAÇÃO.

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

Design da coleção: Undo
Paginação e capa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Tipos de letra: Znikomit e Minion Pro

Edição digital gratuita, julho de 2020
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda

O MORGADO DE FAFE AMOROSO

COMÉDIA EM 3 ATOS

por

CAMILO CASTELO BRANCO

REPRESENTADA NO TEATRO DE D. MARIA II

Personagens:

MORGADO DE FAFE, Teodorico

JOÃO ÁLVARES, Santos

BERNARDO DA GAMA, César

PÔNCIA DO ROSÁRIO, Delfina

HEITOR FALCÃO, Domingos

D. HERMENIGILDA FALCÃO, Emília Letroublon

D. VICÊNCIA, Emília Adelaide

QUATRO SUJEITOS.

UM CRIADO DE HOTEL.

ROMEIROS E ROMEIRAS.

UM TOCADOR DE REALEJO.

A cena passa-se na Foz do Porto em 1862.

ATO I

Vista de sala com seis portas laterais e janelas.

CENA I

JOÃO ÁLVARES E PÔNCIA

(João Álvares anda, pé ante pé, espreitando à fechadura das portas laterais. Traja robe de chambre, e lenço branco atado à cabeça.)

PÔNCIA *(entrando por uma das portas da direita.)* — Credo!... O Sr. João anda assim vestido à fresca! Isso é feito! Olha que preparo!... Valha-o Deus! Suou três camisas, e pranta-se aí com o cadáver ao ar!...

JOÃO — Diz bem, tia Pôncia. Isto já não é senão um cadáver, lançado à margem, e exposto aos corvos e abutres das paixões carnívoras.

PÔNCIA — Que está aí a alanzoar o Sr. João? Vá-se vestir, ande! Agasalhe-me esse peito, que eu vou dizer ao estalajadeiro que lhe dê de almoçar. É preciso comer!... Leve o demo as paixões que o puseram na espinha!

JOÃO — Comer, tia Pôncia! O que é comer sobre a face da terra, quando a vida vegetal paralisou! O meu alimento é o absinto das

lágrimas! Sou o Ugolino da fome do espírito, o Tântalo, o Prometeu devorado pelo incessante abutre!

PÔN CIA — Que *bruto* está aí a dizer! A apostar que lhe fizeram alguma os brutos cá da Foz! Eu sempre tive zanga a esta gente! Pois o estalajadeiro! Isso então é um roubar sem dó nem consciência!

JOÃO — Não me fale nas misérias da vida. Ouça o que eu lhe digo...

PÔN CIA (*lançando-lhe aos ombros um xaile de baeta amarela.*) — Pois, sim; mas agasalhe-se... Ora, diga lá. Bacoreja-me que temos pata-
vinice de namoricos... Queira Deus que não esteja por aí alguma como a Felizarda do outro ano que lhe pôs o sal na moleira...

JOÃO — Tia Pôn cia! Há uma mulher que não pertence a este mundo.

PÔN CIA — Coitadinha! Foi por ela que tocaram ontem os sinos a defuntos? Então, rezemos-lhe por alma.

JOÃO — Não me corte o discurso! Esta mulher vive.

PÔN CIA — Ah! sim? Ainda bem; ainda bem!

JOÃO — E V. M.^{cé} a dar-lhe! Ouça, e fale quando dever responder. Esta mulher veio ontem à noite de Guimarães, com o morgado de Fafe, e deve estar num destes quartos.

PÔN CIA — Será ela a dona da cabra branca, que me não deixou dormir?!

JOÃO — É a mesma; é a dona da cabra branca. Que imensa poesia tem aquele amor à cabra! Se V. M.^{cé} a visse, como eu a vi, a contemplar as estrelas do céu...

PÔN CIA (*benzendo-se.*) — A cabra?! Credo!

JOÃO — A dona, mulher, a dona é que, à uma hora da noite, andava no terraço contemplando o céu.

PÔN CIA — À uma hora da noite uma menina no terraço a ver o Sete-Estrela! Isso é bruxedo! Cruzes canhoto! Terá ela fadário?

JOÃO — Fadário tem V. M.^{ca} de toleima! Vive comigo há tantos anos, e parece que está cada vez mais tapada, tia Pôn cia!

PÔN CIA — Tapada, eu! Eu tapada porque lhe digo as verdades, Sr. João! Não lhe disse eu que a Felizarda era uma trapalhona que lhe dava volta ao miolo? Quando o Sr. Joãozinho andava atrás da filha do letrado, não lhe disse eu que a rapariga, às duas por três, se lhe aparecesse brasileiro, era como se nunca nos víssemos, passe por cá muito bem?! E agora queria que eu lhe dissesse mundos e fundos duma tola que anda pelo mundo com uma cabra atrás dela, e vai à uma hora da noite pôr-se assim de boca aberta a olhar para os planetas? (*Faz o gesto indicado nas palavras.*) Deixe-me benzer, e Deus me tenha da sua mão, e mais ao Sr. Joãozinho, que o vi nascer, e desde que anda por cá desencabrestado arranja sempre inguiço que o tolhe. Sabe que mais, Sr. João? Coma, e beba, e tome os seus banhos que é ao que veio; o mais, leve o diabo, Deus me perdoe, as mulheres, e, quando houver de casar, arranje filha de lavrador, que saiba amanhar a vida, e não olhe para estas fuinhas da cidade, que parecem mesmo o pecado!... Uma raparigaça duma vez é a fidalga de Amarante. Aquilo sim! Que cor de saúde, que braços, que ilhargas! E depois, disse-me a criada que lá em casa matam dez cevados cada ano! Porque não há de o menino perder o seu tempo com uma moça assim!... Dez cevados por ano! E é fidalga de mais a mais!

JOÃO — Cale-se, que me embrutece! Eu posso lá amar uma mulher que almoça presunto assado, e é estúpida como a couçoeira de uma porta?! O meu coração tem aspirações delicadas... Eu quero a mulher-espírito, a mulher-poesia, a mulher-génio, a mulher-sonho...

PÔN CIA (*tirando do debrum do colete uma figa de azeviche.*) — Ó Sr. Joãozinho, quer sim quer não, faça-me o favor de pendurar ao pescoço esta figa de azeviche! O menino tem coisa ruim no corpo!

VOZ (*de fora.*) — Ó João!

JOÃO — Entra, Bernardo.

PÔN CIA — Aí vem o extravagante!... Olhe se vem almoçar, menino, e não esteja a ouvir os conselhos do estroina. (*Sai.*)

CENA II

JOÃO ÁLVARES E BERNARDO DA GAMA

JOÃO — E então? Vens de Leça, está claro. Perdeste?

BERNARDO — Como sempre, com mais alguma coisa nova para ter que contar. Perdi o dinheiro que levava, o cavalo que me levou, o relógio que vendi, e a cadeia que ainda não tinha pago. Isto é bonito! Sabes tu que, ali no castelo do Queijo, deram-me venetas de atirar às ondas com esta vida diabólica?

JOÃO — Isso era uma tolice!

BERNARDO — Com que frieza tu recibes um homem aflito!... Quem me dera ser o que tu és, João!

JOÃO — E que achas tu que eu sou?

BERNARDO — És um rapaz de juízo. Tens um cavalo velho e magro, uma casinhola em Cabeceiras de Basto que te rende doze carros de milho, e quinze pipas de vinho verde, e vives feliz!

JOÃO — Não tanto como te persuades, porque tenho aqui dentro (*com a mão no peito*) uma coisa que me incomoda.

BERNARDO — O coração?!

JOÃO — Sim: este músculo que é o maior aleijão que o Criador podia dar ao homem. Se soubesses o que por cá vai desde ontem!... Mas tu não estás para ouvir o primeiro capítulo do meu último romance... Falemos de ti. Casa-te rico.

BERNARDO — Algumas vezes me tem lembrado essa asneira salvadora, mas sou tão infeliz que receio tornar-me ridículo se a tentar.

JOÃO — O susto é que é ridículo...

CENA III

OS MESMOS, E PÔNCIA

PÔNCIA — Está o almoço no quarto a arrefecer: venha daí, menino. (*Sai.*)

JOÃO (*a Bernardo.*) — Anda almoçar comigo, e cá falamos. Tu já viste a D. Hermenigilda?

BERNARDO — Já.

JOÃO — Vamos falar largamente de D. Hermenegilda. É a mulher que te convém. (*Saem.*)

CENA IV

O MORGADO DE FAFE, D. VICÊNCIA PIMENTEL, COM A CABRA,
D. HERMENIGILDA FALCÃO, E HEITOR FALCÃO

HEITOR FALCÃO (*como se viessem conversando de fora.*) — Grande alegria me deu a sua vinda, primo Morgado!... Esta senhora é que eu não conhecia. (*As duas senhoras estão afagando a cabrinha.*)

MORGADO (*ao ouvido de Heitor.*) — Tem grande pancada na mola!

HEITOR (*o mesmo.*) — Também me quer parecer.

MORGADO (*alto.*) — O primo Heitor Falcão havia de conhecer o doutor Pimentel da casa das Lagariças?

HEITOR — Ouvi falar desse doutor.

MORGADO — Pois a Sr.^a D. Vicência é viúva do tal doutor, e veio de Guimarães na minha honrosa companhia.

D. VICÊNCIA (*à parte a D. Hermenegilda.*) — Na honrosa companhia dele!... O homem é parvo!...

D. HERMENIGILDA (*com ar estúpido.*) — Quem? O primo morgado de Fafe?

D. VICÊNCIA (*à parte.*) — Ela é tão parva como ele!... Com que gente eu estou relacionada!... (*Vai fazer festa à cabra.*)

MORGADO (*à parte a Heitor.*) — O demónio da cabra deu-nos um trabalhão! Imagine o primo aquela bruta dentro da diligência a dar marradas nos joelhos da gente!...

HEITOR — Então a mulher é doida! Pois ela vinha a dar cabeçadas?! Seria com sono...

MORGADO — Eu falo da cabra, não é da viúva.

HEITOR — Ah! já percebo! pois ele pudera! A cabra na diligência!

D. VICÊNCIA (*a um criado que avista no corredor.*) — Ó homem! dê-me de almoçar à *Dejhali*: sopinhas de leite, ouviu? leve com modo a *Dejhali*. (*O criado leva a cabra.*)

HEITOR — O quê? como diz ela à cabra?

MORGADO — Acho que é *deixa-ali*. Eu pergunto-lhe. Ó Sr.^a D. Vicência, como é que a senhora diz à cabrita?

D. VICÊNCIA — *Dejhali*.

MORGADO (*a Heitor.*) — Vê? *Deixa-ali*.

D. VICÊNCIA — *Deixa-ali*, não, *De-jha-li*. Ainda que eu lhes queira explicar o nome, os senhores decerto não leram a *Notre Dame* de Vítor Hugo. (*Os dois encaram-se com ar de estúpida zombaria.*)

MORGADO (*a meia voz.*) — Ainda a quer mais atolambada?

HEITOR (*o mesmo.*) — É daquela casta!

D. VICÊNCIA (*a D. Hermenegilda.*) — A menina sabe francês?

D. HERMENIGILDA (*com o seu permanente ar de lorpa.*) — Eu!... eu sei cá isso!

D. VICÊNCIA (*a Heitor.*) — Porque não manda ensinar francês a sua filha?

HEITOR (*rindo boçalmente.*) — De que serve isso? Meus avós morreram muito velhos sem saber francês. Que leve o diabo os franceses! Quando estiveram em Amarante, no tempo do Silveira, arrasaram-me a casa. E a senhora sabe falar francês?

D. VICÊNCIA — Sei, e falava sempre francês com meu marido.

MORGADO (*a Heitor espantado.*) — Não se admire que lá em Lisboa, onde eu estive há quatro anos, as famílias falavam em francês como se estivessem em França. Eu ia lá a casa de um barão, que me quis impingir a filha, e tanto ela como a mãe, às duas por três, começavam a taramelar em francês. E olhe que eu ainda andei a estudar um bocado da tal língua; mas a falar-lhe a verdade, nem pra trás nem pra diante. Ó Sr.^a D. Vicência, fale lá um tudo-nada de francês para o primo Heitor ouvir. É língua levada da breca! Ora vá lá, diga alguma coisa...

D. VICÊNCIA (*rindo.*) — Que hei de eu dizer?... *Vous êtes un sot, et votre cousin est un sot pareil, n'est-ce pas vrai?*

HEITOR — É verdade: tem dianho o tal palavreado! Com efeito!

MORGADO — Eu não lhe disse, primo? Ora diga lá isso em português? (*A D. Vicência.*)

D. VICÊNCIA (*que continua a rir.*) — Eu disse que V. Ex.^a e seu primo são dois cavalheiros estimáveis.

MORGADO (*com desconfiança.*) — Isso são favores.

HEITOR (*à parte ao morgado.*) — Olhe que ela está a mangar de nós.

MORGADO — Também me parece.

D. VICÊNCIA (*a Hermenigilda.*) — Então a menina não estudou nada?

D. HERMENIGILDA — Eu sei ler nos livros.

D. VICÊNCIA — Ah! A menina tem livros?

D. HERMENIGILDA — Tenho alguns.

D. VICÊNCIA — Romances da *Bibliotheca Economica*, talvez...

HEITOR — Não senhora, ela não tem disso. A minha filha não lê romances. É peste que me não entra em casa. Lá na Amarante as cabras não têm nomes estrangeiros.

MORGADO — Chamam-se cabras.

HEITOR — Sem tirar nem pôr: é como diz.

D. VICÊNCIA (*sorrindo.*) — Mas os romances não servem somente para dar nomes às cabras.

HEITOR — Então de que servem? De estragar a mocidade. Minha amiga, mulher que lê novelas, diz lá o doutor da Portela de Baixo que não dá boa saída.

MORGADO — Isso é assim. Em Lisboa, quando eu lá estive há quatro anos, andava tudo corrompido por causa das novelas, segundo ouvi dizer. As gazetas, primo Heitor, davam todos os

dias a notícia de fugirem as filhas aos pais, e os maridos às consortes, por causa das novelas. A polícia não tinha mãos a medir atrás dos que andavam a estragar o género feminino com as novelas!

HEITOR — Que horror, primo!

D. VICÊNCIA (*rindo.*) — E o género masculino também estava assim derrancado?

MORGADO (*à parte.*) — Está sempre a rir-se o manfarrico da mulher!

HEITOR (*o mesmo.*) — O que eu não sei é como você a aturou de Guimarães até ao Porto.

CENA V

OS MESMOS E PÔNCIA

PÔNCIA — Deus lhe dê bons dias.

MORGADO (*alegre.*) — Olha a Pôncia! Já sabia que está cá teu amo. Como vai ele?

PÔNCIA — Anda incatarrado; mas, se Deus quiser, não há de ser nada; e V. S.^a como lhe vai?

MORGADO — Rijo como aço. Esta boa velha é a governanta do meu amigo João Álvares de Freixedo, do concelho vizinho lá do meu. Aquilo é que é um romântico, como lá dizem em Lisboa! Ele agora tem mais juízo, Pôncia?

PÔNCIA — Deus louvado tem que farte para se governar.

MORGADO — Aquilo com senhoras é um doido da primeira ordem. Se ele visse uma senhora que eu cá sei... (*relanceia os olhos a D. Vicência*) ficava logo sem saber de que freguesia era. Onde está ele?

PÔN CIA — Está lá no seu quarto.

MORGADO — Deixa-me ir vê-lo.

HEITOR — Nós vamos almoçar também. Anda daí, Hermenigilda.

CENA VI

Os MESMOS E UM CRIADO

CRIADO — Está o almoço no quarto do Sr. Heitor. O Sr. Morgado de Fafe quer o almoço no seu quarto? (*Heitor sai com a filha.*)

MORGADO — Leve-mo para o quarto do Sr. João Álvares. (*Sai.*)

CRIADO (*a D. Vicência.*) — E V. Ex.^a onde quer o almoço?

D. VICÊNCIA — Aqui mesmo. A cabrinha comeu?

CRIADO — Sim, minha senhora.

D. VICÊNCIA — Traga-ma.

CENA VII

D. VICÊNCIA E PÔN CIA

PÔN CIA — V. Ex.^a, ainda que eu seja confiada, é que é a dona da cabrinha?

D. VICÊNCIA — Sou.

PÔNICA — Por muitos anos e bons. Pois minha senhora, eu sou atreita a umas enxaquecas aqui (*pondo a mão na nuca*) salvo tal lugar, e passo noites inteiras sem pôr olho. Esta noite estive eu que já não sabia onde tinha a cabeça, e quando às quatro horas da manhã ia a cair assim, assim, assim, numa madorna, eis que pega a estropiar por cima de mim, no teto, uma coisa que me não deixou mais fechar as celhas.

D. VICÊNCIA — Fechar as celhas! Que algaravia! Que são celhas?

PÔNICA — As celhas dos olhos; pois isto como se chama? (*Arregaçando as pestanas.*)

D. VICÊNCIA (*rindo.*) — Ah! isso são celhas?

PÔNICA — Seja lá o que V. Ex.^a quiser: o caso não é pra rir.

(*O criado vem entrando com o tabuleiro do almoço, e a cabra puxada por um cordão de seda.*)

PÔNICA — Aqui está o tal bicho que me não deixou pôr olho!

D. VICÊNCIA — *Dejhali*, vem cá, *Dejhali... viens ici; est-ce que tu as dejeuneré ton lait? Ma chérie Dejhali; donne moi ton joli museau...* Ó mulherzinha, V. M.^{cê} não gosta da minha *Dejhali*?

PÔNICA — Ela dá leite?

D. VICÊNCIA — Que pergunta? Pois a minha cabrinha há de dar leite?

PÔNÇIA — Então isso de que serve? A senhora anda com esse brutinho atrás de si pelo mundo?

D. VICÊNCIA (*está almoçando.*) — Ando, sim; e que tem? É a minha amiga única.

PÔNÇIA — A cabra!? Ora essa! não me faltava ver mais nada! Pois a senhora não acha uma pessoa cristã e batizada que seja sua amiga?...

D. VICÊNCIA — Não quero amizades da minha espécie. Os irracionais são os entes mais agradecidos que fez o Criador. Toma, *Dejhali!* (*Dá-lhe um bolo.*)

PÔNÇIA — Louvado seja o Senhor! A dar docinhos à cabra!... Pois, minha senhora, eu tenho a pedir-lhe um favor a respeito cá da sua amiga.

D. VICÊNCIA — Que quer a mulherzinha?

PÔNÇIA — Eu não sou mulherzinha: sou Pônçia para a servir. O que eu quero é pedir-lhe o favor de não dormir com a cabra no mesmo quarto. A senhora mora por cima de mim, e eu moro por baixo da senhora e da cabrinha. Ora o berzabum da bruta esteve toda a noite a coçar-se, e não me deixou fechar olho...

D. VICÊNCIA — Já sei essa história; mas não sei que lhe faça. Diga ao dono do hotel que me mude a mim, ou mude a V. M.^{cê}: a minha cabrinha não sai de ao pé de mim.

PÔNÇIA — Mas eu pensava que as estalagens na Foz não eram curral de gado. Pelos modos, quem for amigo único dum porco ou duma vitela pode meter no quarto os seus bichos!...

D. VICÊNCIA (*erguendo-se para sair.*) — Sabe que mais, mulherzinha? Eu não estou para a aturar.

PÔN CIA — Olhe, minha senhora...

D. VICÊNCIA (*voltando o rosto.*) — Que é?

PÔN CIA (*com um dedo na testa.*) — Deus lhe dê miolo. Ninguém é pobre senão de juízo.

D. VICÊNCIA — Estúpida! (*Sai.*)

PÔN CIA — Valha-te a breca!... E meu amo a dar cavaco por esta lambisgoia! Ora a gente, cá por este mundo, sempre topa com cada pantomineira!

CENA VIII

JOÃO ÁLVARES, BERNARDO DA GAMA E PÔN CIA

JOÃO — Que é isso, Pôn cia? V. M.^{cê} está com cara de zanga! Que lhe aconteceu?

PÔN CIA — Não sei o que aconteceu, Sr. João... O que sei é que, se a cabra não sair lá de cima, eu já aqui não fico esta noite... Bote lá as suas contas como quiser... (*Sai.*)

JOÃO — Tem um génio endiabrado; mas é a criatura mais necessária à minha vida... (*Mudando de tom.*) Mas dizia-te eu, meu caro Bernardo, que a experiência ainda te não amadureceu quanto é necessário para viver neste mundo. Ridículo só conheço um homem neste planeta: é o que não tem dinheiro. As tentativas, que se fazem, para alcançar o dinheiro são sempre sérias, heroicas, e épicas. Se fizeres a corte a uma rapariga rica, riem de ti os zom-

beteiros candidatos à rapariga rica; mas esse riso só pode ser-te penoso, se a mulher te não indemnizar com o sorriso dela. Conheço enormíssimos alarves que tentaram, e prosperaram. Quando um homem diz de si para si «hei de casar rico, apesar de todos os contratempos», casa rico. O primeiro passo a dar é convencer-se um homem de que a vergonha é uma excrescência que nos molesta, e deve ser amputada da consciência, como quem corta um calo. O segundo é procurar a mulher através de todas as torpezas, como o mineiro procura o ouro através do saibro e do lodo. O terceiro é levar com a porta na cara, e ficar com a cara voltada para outra porta. O quarto é teimar. O quinto é teimar. O sexto...

BERNARDO — É teimar. Tenho entendido. Mãos à empresa. Cobrei espírito novo. Dentro de um ano hei de estar casado com mulher rica, bonita, inteligente, virtuosa...

JOÃO — Alto lá! isso é muita coisa. Assim também o Bocage a queria para um assunto duma décima, e disseram-lhe que não! Observa tu que nem para dez versos há isso tudo junto! Rica? d' acordo: isso é possível. Inteligente? Isso não tira nem dá. Há opiniões a esse respeito; mas eu não tenho nenhuma; porém, sempre te direi que não é bom que a esposa conheça que entre homem e mulher há igualdade de direitos. Formosa? Pieguice e contrassenso! Mulher formosa é sempre a mesma coisa, e aos olhos do marido perde pouco a pouco o prestígio da beleza. Mulher feia, com a continuação da convivência, vai perdendo a fealdade, e chega a parecer galante. As mulheres feias têm inspirado ardentíssimas paixões. Dizem que elas têm uma compensação de graças que vão lavrando raízes no coração. Eu não sei se é no coração, se no fígado: o que posso asseverar-te é que tenho visto mulheres formosas apagarem muitos incêndios, e as feias ateaem-os. Dido, Helena, e Cleópatra dizem que foram lindas mulheres por terem apaixonado Eneias, Páris e António. O que decerto se não sabe é se eram feias. Enquanto a virtuosa, meu caro Bernardo, a esse respeito tinha eu muito que

dizer; mas os discursos são o espantinho da ação. A mulher que te convém é Hermenigilda, a filha de Heitor Falcão.

BERNARDO — Pois achas que está no caso?

JOÃO — Muito no caso.

BERNARDO — Mas não ouviste ainda agora dizer o morgado de Fafe que gostava dela?!

JOÃO — Tu não tens vergonha de recear a concorrência com o morgado de Fafe?! Aquilo é homem que possa assustar nenhum rival?!

BERNARDO — Homem! tu pareces-me menos conhecedor do coração humano do que supões!

JOÃO — Cala-te aí, tolo... Ele aí vem com ela!... Repara-me bem naquele corpo!... Olha...

CENA IX

OS MESMOS, HERMENIGILDA, HEITOR E O MORGADO

MORGADO — Vamos esmoer o almoço por essas praias fora. Estes ares do mar não deixam parar a comida no bucho! (*Vai a uma janela lateral.*) Olhem vocês como é grande o mar!... (*Recua contemplativo.*) Oh! ninguém entende o que isto é!... Como se faria o mar? Porque será que o mar cresce e minga? Quantas pescadas haverá no mar? A gente sempre a comer peixe, e nunca se acaba!... Expliquem lá isto!... Lá vai a passar um vapor... Sempre os homens têm ideias! Pelos modos, o que faz girar as rodas é o fumo do carvão. Uma coisa assim! Olha, olha, como ele vai depressa!... Aquilo é que é!... Ó Sr.^a D. Hermenigilda, gosta de ver o mar? (*Mavioso.*)

D. HERMENIGILDA (*lorpa.*) — É muito grande; tenho medo às ondas. Afoga-se lá muita gente?

MORGADO — Quando acontece, afoga; mas agora diz que se inventou uma engenhoca, que não deixa ir a gente ao fundo.

JOÃO — É o colete de salvação.

MORGADO (*fazendo trejeito de quem enche o colete de salvação.*) — E sopra-se-lhe pra dentro?

JOÃO — Certamente.

D. HERMENIGILDA — Ah! Sopra-se-lhe?! Mas eu quando tomo banhos no rio não posso soprar debaixo d'água.

MORGADO — Pois o sopro é cá fora, menina.

JOÃO (*à parte a Bernardo.*) — Olha que diálogo aquele! Vê tu que duas alimárias!

BERNARDO (*o mesmo.*) — É impossível que a natureza os não una!... Perdi as esperanças...

MORGADO (*a Hermenigilda.*) — A priminha não leva luvas? Cá reparam nisso.

D. HERMENIGILDA — Eu tenho umas, que comprei cá no ano passado: lavei-as, quando estava para vir, e a pele encolheu; encarquilhou-se toda.

HEITOR — Compram-se outras, Hermenigilda; vamos lá à tenda comprá-las.

MORGADO (*indicando o chapéu de Hermenigilda.*) — Ó primo Heitor, olhe que estas barretinas já se não usavam em Lisboa quando eu lá estive há quatro anos. A filha do barão de Cassurrães tinha uma muito mais pequena, assim com umas orelhas aqui (*indicando*) e uma cousa assim a modo de bambinela aqui por trás.

HEITOR — Ora! deixe-se disso! Uma barretina quer-se assim grande para tirar o sol da cara.

MORGADO — Não, senhora. A priminha há de comprar outra cartola à moda de Lisboa. Quer? A minha menina quer outra barretina?

D. HERMENIGILDA — Eu... como o outro diz... não se me dava. Já a D. Vicência hoje me disse que o meu chapéu dava fazenda para quatro... Se eu pudesse fazer dois, mandava-se arranjar. O que eu queria era um balão, meu paizinho.

BERNARDO (*à parte.*) — Como a inocência é estúpida!

MORGADO — Tem razão; precisa de balão... Eu não desgosto do balão, a falar a verdade. Há de arranjar-se tudo, priminha. Vamos já tratar disso. Fica por aqui, amigo João?

JOÃO — Fico, Sr. Morgado.

MORGADO — Então, veja lá... Cuidado com a mulher da ca-brinha... Você é um velhaco daquela casta!... Ah! su ratão!... Eu sempre vou ver se ela quer passear. (*Vai a uma das portas laterais.*) Acho que é aqui. (*Batendo à porta.*) Ó Sr.^a D. Vicência! D. Vicência?

VOZ DE HOMEM (*dentro.*) — Vá bater ao diabo que o leve.

MORGADO — Enganei-me. Há de ser aqui. (*Bate com muita força.*) D. Vicência, D. Vicência, a senhora quer vir dar uma passeata?

CENA X

Os MESMOS E UM SUJEITO

(*Abre-se de repente a porta, e assoma um sujeito embrulhado num cobertor, e barrete de dormir.*)

O SUJEITO — Que alarve é este que anda a incomodar quem dorme?!

MORGADO — Fui eu que me enganei... perdoará... Procuero a Sr.^a D. Vicência.

O SUJEITO — Eu não sou D. Vicência.

MORGADO — Bem vejo; por isso pode-se deitar V. S.^a, mas olhe que são dez horas e meia.

O SUJEITO — Quem lhe pergunta ao estúpido personagem as horas que são?

MORGADO — Veja lá com quem fala, ó menino? Olhe que eu sou António dos Amarais Tinoco Valadares, morgado de Fafe.

O SUJEITO — Que me importa a mim isso? E eu sou Bonifácio da Silva.

MORGADO — Pois, Sr. *Bonifrates* da Silva, recolha-se, que eu já não estou bom. Ponha cobro na língua, e deite-se, que eu às duas por três, se me fazem cócegas, costume... sim, isto é um modo de falar... (*Faz o trejeito de quem volta um homem de pernas ao ar.*) Se o senhor quer saber quem eu sou, vá perguntá-lo a Lisboa.

O SUJEITO — O senhor ameaça-me?! (*Sai fora do limiar da porta.*)

MORGADO — O senhor não tem vergonha de aparecer assim embrulhado num cobertor diante daquela menina? Tape os olhos, prima! (*D. Hermenigilda tapa o rosto com a mão.*)

O SUJEITO — Acordar-me, e insultar-me, é de mais.

MORGADO — Podia, ser mais... Vá-se prá sua cama, na graça de Deus, vá, vá, que eu já não regulo bem do toitiço... (*Leva-o com bons modos entre as mãos até o meter ao quarto.*) Se aqui não está esta inocente... (*indicando Hermenigilda*) e eu não receasse que o cobertor lhe caísse, pespegava-o como uma obreia acolá no teto. Onde diabo está metida a senhora da cabra?

JOÃO — Creio que o seu quarto é aquele, Sr. Morgado.

MORGADO — Este? (*Bate.*) D. Vicência.

VOZ DE D. VICÊNCIA — Que quer?

MORGADO — Ela cá está. (*Alto.*) Quer vir dar uma passeata? (*Voz dentro que não se entende.*) Fale alto, que não se ouve nada na plateia.

D. VICÊNCIA (*dentro.*) — Não posso sair por ora, que está a cabrinha a dormir.

MORGADO (*para fora.*) — Está a cabrinha a dormir!... Isto só com um tirapé!... (*Alto.*) A senhora está maluca?

D. VICÊNCIA — Não me incomode, que me acorda a *Dejhali*.

MORGADO — Vamos embora. Ó amigo João, uma doida assim à perna é que eu lhe queria! (*Sai com Hermenigilda e Heitor.*)

CENA XI

JOÃO E BERNARDO

JOÃO — Vejo que estás pasmado da estupidez de Hermenigilda! Eu também, palavra d'honra! Já me não atrevo a aconselhar-te que a ames.

BERNARDO — Estás enganado. Gosto de ver assim a estupidez no seu estado de perfeição primitiva. Andava eu morto por encontrar a mulher como ela foi no tempo em que se comiam bolotas e medronhos. Pensas que arrefeci na empresa? Não tenhas medo. É uma mulher deliciosa para um homem que quer casar-se rico, e desligar-se das obrigações que se contraem matrimonialmente com uma mulher que tem alma. Tomaram muitos encontrar a inocência dela! Aquilo é tudo matéria estreme como a dá a madre natureza.

JOÃO — Bem! Gosto de te ver nessas ideias. É preciso já já escrever à pequena.

BERNARDO — É um grande embaraço! Não sei como se escreve a uma mulher assim.

JOÃO — Escreve-se-lhe uma carta muito tola. Queres tu que eu entre no teu coração, e que fale por ti?

BERNARDO — Valeu! Nota lá a carta. Aqui está tinteiro e papel.

JOÃO — Enquanto eu escrevo o rascunho, vai tu na trilha de Hermenigilda, e faz que ela te veja. Segue o meu conselho, que estás falando com o mais profundo conhecedor do coração humano.

BERNARDO — Obedeço-te cegamente. (*Sai.*)

CENA XII

JOÃO, E DEPOIS D. VICÊNCIA

(*João Álvares escreve alguns segundos.*)

D. VICÊNCIA (*dentro.*) — Ó criado! Leve-me a minha cabrinha a retouçar na ervagem dessa alameda. Venha buscá-la.

JOÃO (*suspendendo a escrita.*) — A retouçar-se na ervagem dessa alameda — que estilo! (*Ergue-se.*) Esta mulher é um génio!

(*Atravessa um criado a cena: recebe a cabra à porta da alcova, de sua dona, e sai.*)

D. VICÊNCIA (*fora.*) — Leve-a com muito jeitinho, ouviu? (*Reparando em João Álvares.*) É o Sr. João Álvares?

JOÃO — Um criado de V. Ex.^a. Como se dá o feliz acaso de lhe ser conhecido o meu nome obscuro, minha senhora?

D. VICÊNCIA — Obscuro!? Lucidíssimo! Pois V. S.^a não tem escrito folhetins no *Braz Tizana*, e nos periódicos de Guimarães?

JOÃO — Uns pobres folhetins, minha senhora, que só têm o merecimento de terem atraído olhares de V. Ex.^a

D. VICÊNCIA — Não só olhares; mas também o espírito; não só o espírito; mas também o coração, o coração, entende-se, que compreendeu o seu.

JOÃO — Ó minha senhora! Eu adivinhei em V. Ex.^a uma alma distinta, quando às duas horas da manhã a vi no terraço.

D. VICÊNCIA — Ah! viu?

JOÃO — V. Ex.^a contemplava as estrelas do céu; e eu, ao clarão destas estrelas, estava vendo o anjo da terra.

D. VICÊNCIA (*risonha.*) — Vejo que tinha o estro afogado quando eu entrei... Estava poetizando?

JOÃO — Sim, minha senhora. Escrevia as impressões desta noite.

D. VICÊNCIA — Permite que eu veja?

JOÃO — Oh! perdão, minha senhora! As paixões têm o seu pudor. O homem apaixonado é um doente febril.

D. VICÊNCIA — Gostou da minha cabrinha?

JOÃO — É uma écloga, um idílio, a cabrinha de V. Ex.^a

D. VICÊNCIA — Lembra-se da Esmeralda de Vítor Hugo?

JOÃO — Que também tinha uma cabrinha branca...

D. VICÊNCIA — A *Dejhali*.

JOÃO — Que já compunha seis letras do alfabeto para formar o nome do ditoso amante da cigana.

D. VICÊNCIA — Era *Phebus*...

JOÃO — Sim, *Phebus*... Se a *Dejhali* de V. Ex.^a chegasse a compor um nome de quatro letras...

D. VICÊNCIA (*sorrindo.*) — João?

JOÃO — Sim: é um nome muito prosaico, não é?

D. VICÊNCIA — A poesia está no coração; não é nos nomes.

CENA XIII

OS MESMOS, E PÔN CIA

(Pôncia vem arrefecendo com a colher uma tigela de caldo, que fumega.)

PÔN CIA — Trago aqui um caldo de galinha, Sr. João. (Baixo, vendo D. Vicência.) Cá está a azarotada!

JOÃO — Leve o caldo, Pôncia; não quero caldo agora.

PÔN CIA — Há de comer o caldo, quer queira quer não. Vamos a isto. A senhora há de dar licença que o Sr. Joãozinho coma.

D. VICÊNCIA — Eu privo-o?

PÔN CIA — Vá; bote pra baixo, que é de franga. O menino não come, e eu depois é que o aturo quando não pode com uma gata pelo...

JOÃO — *Chiu!* Veja lá como fala.

PÔN CIA — Eu falo como sei. Olhe lá se quer que eu mude de língua?

JOÃO — Leve o caldo, já lho disse, Sr.^a Pôncia.

PÔN CIA (*irónica.*) — Ó minha senhora, faz favor de pedir ao Sr. João que coma o caldo da franga?

JOÃO (*erguendo-se irritado.*) — Pôncia! Veja lá!...

PÔNCIA — Sabe que mais? Tenha tino nessa cabeça! O que me falta é vê-lo comprar também um cabritinho! (*Sai.*)

CENA XIV

D. VICÊNCIA E JOÃO

D. VICÊNCIA (*rindo às gargalhadas.*) — Tem raiva à minha cabra a sua criada! Não cuidei que esta mulher era da sua *ménagerie*. Já hoje me aplicou a receita do juízo também.

JOÃO — A V. Ex.^a!?

D. VICÊNCIA — A mim, pois porque não? A velhinha tem a mais estúpida das liberalidades...

JOÃO — Vou despedi-la do meu serviço!...

D. VICÊNCIA (*rindo.*) — Deixe-se disso, que eu não lhe agradeço o sacrifício. Vá tomar o seu caldinho, vá, que lhe peço eu. Vou vestir-me para sair. Estimei muito conhecê-lo pessoalmente. Saiba que tem em mim uma admiradora do seu estilo. (*Corteja, e recolhe-se ao quarto.*)

JOÃO — Oh! minha senhora!...

CENA XV

JOÃO E PÔNCIA QUE ENTRA LOGO PELA PORTA FRONTEIRA
COM O CALDO

PÔNCIA — Ora ainda bem que se foi o berzabum da mulher. Vamos ao caldo, que está frio.

JOÃO — A Sr.^a Pôncia atreveu-se a muito!...

PÔN CIA — Quer ralhar à velhinha que o viu nascer? Pois ralhe, ralhe; mas tome o caldinho para ter mais forças pra ralhar. Sua mãe, quando o cá deixou, entregou-mo a mim; já agora hei de morrer a dizer-lhe as verdades. (*Limpa os olhos.*)

JOÃO (*comovido.*) — Tem razão, minha Pôn cia; perdoe, e dê cá um abraço. Eu sou um doudo. (*Toma o caldo.*)

PÔN CIA (*alegre.*) — O caldinho tem hortelã e umas folhas de salsa. Está gostoso?

JOÃO — Está muito bom, muito gostoso.

PÔN CIA (*fiando na roca, que traz à cintura.*) — Como ela veio logo aqui pespegar-se! A doutora de não sei que diga! O menino não pode ver uma mulher! Coisa assim! Fica logo atarantado! Ora o Sr. João que não há de tomar inclinação a uma lavradeira, que tenha arranjo de casa, e que trate do menino, quando eu morrer! Que graça tem esta serigaita com a cabra atrás dela?

JOÃO (*mansamente.*) — Fale baixo, tia Pôn cia; eu não tenho nada com a mulher. Estava a desfrutá-la. Leve a tigela, que eu tenho que escrever aqui uma carta.

PÔN CIA — Tenha juizinho, sim? (*Vai a sair.*)

JOÃO — Pois sim... deixe-me escrever.

PÔN CIA (*voltando à cena.*) — Olhe que à noite há de pôr as papas de linhaça na boca do estômago...

JOÃO — Pois sim; vá com Deus. (*Sai Pôn cia.*)

CENA XVI

JOÃO, E DEPOIS BERNARDO

JOÃO (*lendo as últimas linhas do rascunho.*) — Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas, coroada com o arco-íris, sentada na lua... (*Prossegue a escrita.*)

BERNARDO — Aqui estou! Que é da carta?

JOÃO (*sem levantar mão da escrita.*) — Estou com ela.

BERNARDO — A mulher olhou-me de certa maneira.

JOÃO (*escrevendo sempre.*) — Sim?

BERNARDO — Apareci-lhe em todas as lojas em que ela entrou.

JOÃO — E então?

BERNARDO — Fiz-me do rancho, e cheguei a dizer-lhe que qualquer chapéu ficava bem à sua formosura.

JOÃO — Bravo! e ela que tolice respondeu?

BERNARDO — Fez-se vermelha.

JOÃO — Pois agora vai ficar amarela. Está pronta a carta.

BERNARDO (*esfregando as mãos.*) — Vamos a isso. Lê lá.

JOÃO (*à frente, lendo com muita ênfase.*) — «Com o coração em viva brasa, lanço mão da pena trémula para expor à vossa compaixão o triste sudário da minha alma.

«Os vossos olhos são frechas do implacável Cupido, que não perdoa a reis nem a vassalos, que abranda o coração da pantera de Java, e enternece as melodias do rouxinol.

«Ingrata sérieis, ó Hermenigilda amada, se mostrásseis indiferentes à dor os olhos que tamanha dor causaram. Não! É impossível que nesse peito de alabastro, ninho dos prazeres, se aninhe a víbora da ingratidão.

«No vosso angélico sorriso, ó cara pomba, pousou a minha felicidade, que, há muito, busco por toda a parte, como andorinha que perdeu o trilho aéreo da sua pátria, e ficou erma e só na região das neves.»

BERNARDO (*interrompendo.*) — Ela não entende isso!

JOÃO — É justamente o que nos convém. Se ela entendesse fazia da carta dois papelotes, e mandava-te à fava. Escuta lá: (*Lê.*) «Eu sou como o viajante nos desertos da Mesopotâmia, ardente de sede, pedindo a cada miragem uma gota d'água, e bebendo candeias acesas nos raios do sol oriental.»

BERNARDO — Isso parece-me asneira! *Bebendo candeias acesas!* Viu-se já maior disparate!

JOÃO — Tu queres que ela te perceba, ou não?

BERNARDO — Quero que perceba: é boa a pergunta!

JOÃO — Pois, se tu lhe disseres que bebias no deserto línguas de fogo, em lugar de candeias acesas, entender-te-á melhor? Candeias sabe ela perfeitamente o que são; e línguas, enquanto a mim, só conhece a de porco, e de vaca. Se me começa a contrariar, recolho a inspiração, e deixo-te nas trevas. (*Lê.*) «Nos meus sonhos, tenho visto muitas vezes uma visão vestida de nuvens coradas de luz, calçada de estrelas, coroada com o arco-íris, sentada na lua, com

o sol engastado no peito, e o globo terráqueo a seus pés. Éreis vós, Hermenigilda! Apenas vos vi, reconheci-vos como o molosso reconhece o dono, a rola o ninho, a lebre a cama, e a truta a colheita! Ver-vos e não amar-vos seria morrer de ver-vos; e amar-vos sem ver-vos só eu pude; e que faria eu depois, ao ver-vos, se não amar-vos?»

BERNARDO — Acaba depressa com isto! — *Ver-vos, não ver-vos, amar-vos, e ver-vos, e não amar-vos...* Que diabo de embrulhada é esta?

JOÃO (*declamando.*) — És um sandeu! Está explicado o segredo da tua nulidade perante as mulheres. Tens trinta anos, e todas as tuas conquistas reduzem-se à filha dum chapeleiro de Braga. Podias ter um nome em Portugal, se ao teu património quasi dissipado, e à tua excelente figura, quasi em decadência, juntasses um pouco de estilo. Todo o conquistador deve ter um arsenal bem fornecido de bombas fraseológicas. A ideia não é que persuade uma mulher: é a palavra. O que tu chamas *embrulhada*, meu tolo, é o melhor que se pode dizer, quando não há nada que se diga.

BERNARDO — Supõe tu que ela me não entende!

JOÃO — Certo disso estou eu.

BERNARDO — O que se segue é não me responder.

JOÃO — É justamente o que te convém.

BERNARDO — Ora essa!... *que me convém?*

JOÃO — Sim! Convém-te que não responda; porque, não respondendo, fala-te. Que lucras tu com a correspondência epistolar desta criatura?

BERNARDO — Pensas bem, João! És um grande homem! Ora anda lá... diz mais alguma asneira. Estavas no *ver-vos e não ver-vos, amar-vos e não amar-vos...*

JOÃO (*lendo.*) — «César, foi! viu! e venceu! Eu, vim! vi! e fui vencido!» (*Grande estrépito de chuva nas vidraças, e estrondo de trovoadas.*)

CENA XVII

OS MESMOS, O MORGADO, HEITOR, D. HERMENIGILDA, PÔNCIA,
E D. VICÊNCIA DEPOIS

(*Os três primeiros vêm sacudindo os fatos molhados. Hermenigilda traz um balão enorme, e um pequeníssimo chapéu. Pôncia traz um coto de vela benta acesa.*)

MORGADO — Que tal está a molhadela!...

D. HERMENIGILDA — A barretina escangalhou-se, ó paizinho?

HEITOR — Se trouxesse a outra, não te molhavas, rapariga; mas vocês não querem fazer o que eu digo!

MORGADO — Isso torna a endireitar-se. Sacuda o balão, prima, que se lhe não vá meter a humidade nos ossos. Assim... (*Ajuda a sacudir o balão.*)

PÔNCIA (*à parte indicando o balão.*) — Olha que preparo aquele!...

D. VICÊNCIA (*muito aflita.*) — Não há ninguém que lhe acuda! Não há uma generosa alma que me salve a minha cabrinha!

JOÃO (*com veemência.*) — A sua cabrinha, minha senhora! Onde está a sua cabrinha!...

D. VICÊNCIA — Está à chuva, correndo espavorida na alameda...
Veja, veja... (*Leva-o à janela.*)

JOÃO — Corro a salvá-la! Corro a salvá-la!

PÔNCIA (*retendo-o pelas abas do chambre.*) — Não vai, que está doente, e molha-se...

JOÃO — Largue-me, tia Pôncia!

D. VICÊNCIA — Salvem-me a *Dejhali!*

JOÃO — Corro a salvá-la!

PÔNCIA — Não vai, que tem reumatismo! Eu depois é que o aturo...

D. VICÊNCIA — Oh!... que infortúnio! Que infortúnio!...

JOÃO — Corro a salvá-la! (*Deixa ficar o chambre nas mãos de Pôncia, e sai acelerado.*)

PÔNCIA (*colérica e solene.*) — A senhora da cabra há de dar cabo de meu amo! Eu a arrenego! O meu menino atrás das cabras com este temporal!

MORGADO — Não te aflijas, Pôncia! Isto de quem ama há de andar com a cara pra diante. Não é assim, prima Hermenigilda?

D. HERMENIGILDA (*apertando o balão.*) — Eu não sei lá dessas coisas. Está-me a querer cair o balão!

MORGADO — Ele parece que ganhou vento!

CENA XVIII

OS MESMOS E JOÃO COM A CABRA NOS BRAÇOS

D. VICÊNCIA (*transportada.*) — Mil agradecimentos! O cavalheiro é um herói!...

JOÃO — A sua cabra está salva!

D. VICÊNCIA — Tão molhadinha! (*Começa a enxugar o felpo da cabra com o robe de chambre que Pôncia lança aos ombros de João.*)

PÔNICA (*arrancando-lhe das mãos o chambre com fúria.*) — Olha o demónio da mulher!... a limpar a cabra com o casaco do meu amo!... Eu t'arrenego!

FIM DO PRIMEIRO ATO

ATO II

A cena passa-se no terreiro do hotel. A casa tem algumas janelas de serventia, e figura-se de esguelha, de modo que se veja a lua prateando o mar. À direita do espectador, sobranceiro ao edificio, há um terraço de serventia. Presume-se que a estrada atravessa o palco na parte mais convizinha da plateia. É noite.

CENA I

BERNARDO E JOÃO ENCAPOTADOS MELODRAMATICAMENTE

JOÃO — E como pudeste entregar-lhe a carta no corredor? Isso havia de ser difícil sem o morgado ver, ou o pai.

BERNARDO — Não foi: ela ia sozinha, e eu, com o mais tímido acanhamento de respeitoso amante, pedi-lhe se me lia aquela carta. Ela ficou azabumbada um pouco; mas eu não lhe dei tempo a refletir. Mas o resto, o admirável, o espantoso é que tu não sabes!

JOÃO — Deste-lhe um ósculo na mão?

BERNARDO — Não. Muito mais do que isso.

JOÃO — Foi na testa que lhe deste o ósculo?

BERNARDO — Que mania é essa d'ósculos? Porque não dizes beijos como toda a gente?

JOÃO — Por causa da censura.

BERNARDO — Pois eu, respeitando a censura, não lhe dei ósculo nem beijo. Pedi-lhe que me falasse hoje às nove horas da sua janela para a rua. E ela, quando eu receava alguma má resposta...

JOÃO — Disse-te que...

BERNARDO — Que sim, se não adormecesse.

JOÃO (*rindo.*) — Mas é que ela a essa hora está a dormir como uma pedra.

BERNARDO — Estará?!

JOÃO — Homem! eu conheço vinte e cinco espécies de mulheres; mas esta da tua Hermenigilda é nova para mim. Pode ser que esteja acordada, posto que, segundo boas informações que tenho de um conhecido desta família, sei que a flor d'Amarante come o seu caldo verde às sete horas, deita-se às oito, e às nove é massa bruta. Ora agora, se o amor é capaz de a despertar com os seus agulhões, isso é que estamos para ver. Entretanto, já sabes quais são os costumes em casa de teu futuro sogro. Às oito horas hás de estar no tálamo conjugal com tua esposa, tu com um barrete de troçal, e ela com uma touca de linho cru, e ambos a ressonar o mais estupidamente que se pode.

BERNARDO — Estás enganado, João! Se eu casar com ela, pensas que me vou degradar na Amarante!? Isso sim!... Hei de viajar a Europa. Que pode viver o pai? Dois anos ou três. Queres tu ir viajar connosco?

JOÃO (*sorrindo.*) — Oh! pois não hei de querer! Havemos de ir viajar à roda, por cima, e por baixo do globo!

BERNARDO — Não se pode falar sério contigo! Olha lá: seria eu imprudente em lhe pedir o *rendez-vous*?

JOÃO — És uma criança! És como todos os principiantes em amor. Cuidam vocês que é da tarifa devorarem em silêncio, antes de se revelarem, as melhores frases que têm para convencer! Grande contrassenso! Parecem-se com os caçadores novatos, que atiram à perdiz, quando ela vai muito longe do alcance do chumbo. Fia-te em mim, Bernardo: a mulher, que principia a amar, tem oito dias de alienação. É aproveitar-lhos... Aí vem o parvo do morgado com a serenata de ontem à noite.

BERNARDO — Não quero que me conheça. Escondamo-nos nesta travessa. (*Saem.*)

CENA II

MORGADO, UM HOMEM DE REALEJO, D. HERMENIGILDA, DEPOIS,
NUMA JANELA, E PÔNCIA NOUTRA

MORGADO (*colocando o tocador em frente da janela de D. Hermenigilda.*) — Toca uma moda bonita. Não sabes a Maria Cachucha?

TOCADOR — Cachucha? *mi* saber Cachucha?

MORGADO — Sim! (*Cantando:*)

Maria Cachucha,
Com quem dormes tu?

TOCADOR — Não sabe *Cachucha eu.*

MORGADO — E a Cana Verde? sabes? (*Canta:*)

A cana verde no mar;
A cana verde na arca.
Sabes isto?

TOCADOR — *Cane? nó; cane?*

MORGADO — Então que diabo sabes tu? Toca lá o que souberes.

(*O homem toca qualquer coisa. — Assoma na janela Hermenegilda, e Pôncia noutra janela.*)

MORGADO (*que passeia radioso na cena.*) — Gosta desta moda, priminha?

D. HERMENIGILDA — Ele não sabe tocar o...

MORGADO (*mandando parar o realejo para ouvir.*) — Que diz, amor?

D. HERMENEGILDA — Ele não sabe tocar aquela moda «Muito bem seja aparecido nesta função»?

MORGADO — Rapaz! tu saber cantar este coisa (*Canta:*) «Muito bem seja aparecido nesta função. Bate as palmas cò seu peixinho, cò seu peixinho, su pexão.»

TOCADOR — *Peixom? no saper modas do peixom.*

MORGADO — O bruto não sabe nada. Anda lá, vai tocando o que sabes.

(*Continua o realejo.*)

MORGADO (*com os seus botões.*) — Eu sei como se levam as mulheres! Estes janotas d'agora não sabem vencer o coração das damas. Eu, com dois dedos de realejo, tenho feito mais que outros com muita papelada e palavreado. Agora é tempo de lhe falar. (*Paga ao tocador.*) Vai-te embora; e amanhã aparece à mesma hora.

PÔNCIA (*fechando a janela.*) — Com bem passe a noite, Sr.^a D. Hermenigilda. (*Baixo.*) Daqui a migalho venho aqui; preciso muito de lhe falar pra negócio de muita aquela. Não se deite, não?

D. HERMENIGILDA — Pois, sim. Traga-me daqueles pastéis de ontem à noite, sim?

PÔNCIA — Já aqui os tenho. (*Alto.*) Boas noites, Sr. Morgado.

MORGADO — Adeus, Pôncia.

CENA III

MORGADO E HERMENIGILDA

MORGADO — Amada Hermenigilda! O meu coração é vosso. Dizei-me se o vosso coração é meu.

D. HERMENIGILDA — Isso veremos. A gente, como diz lá o ditado, enquanto anda por este mundo, ninguém sabe para o que nasceu.

MORGADO — Se me tendes afeto, igual ao que vos tem meu coração, para ser minha esposa viestes ao mundo, meu adorado bem.

D. HERMENIGILDA — Antes que cases olha o que fazes.

MORGADO — Isso é como diz; mas a minha pomba não topa marido que lhe queira tanto como eu.

D. HERMENIGILDA — Pois sim; mas o primo tem já muita idade; e eu estou muito rapariga.

MORGADO — Não sou tão velho como a senhora cuida. Se eu quiser meninas novas, tenho-as no Porto às dúzias. A apostar que a prima gosta mais destes salta-pocinhas que andam de luneta e bigode, sem uma de X na algibeira?...

D. HERMENIGILDA — Não se esteja a incazinar, primo. Eu não disse que gostava doutro derriço.

MORGADO — Pois não disse, não; mas de mim, pelos modos, também não gosta lá grande coisa.

D. HERMENIGILDA — Está feito... podia ser menos; de cá se vai a lá; o que o meu coração sente, eu cá o sei.

MORGADO (*alegre.*) — Ah! então a priminha estava a dizer isso pra me ouvir? (*Ouve-se ao longe a música da estúrdia.*)

D. HERMENIGILDA — Vem aí uma festa?

MORGADO — São lá os meus rapazes de Fafe, que chegaram hoje prá romaria do S. Bartolomeu, e que nos vêm tocar à porta.

D. HERMENIGILDA — Ai! que regalinho! Eles trarão cantadeiras?

MORGADO — E daquela casta! (*Bradando.*) É pr'áqui, rapaziada!

CENA IV

O GRUPO DOS ROMEIROS, MORGADO, E D. HERMENIGILDA,
E PÔNCIA, NA JANELA

(A estúrdia, composta do seguinte instrumental: duas violas, rebeca, clarinete, bombo, e ferrinhos. Grupo de quinze ou mais pessoas. As mulheres trajam capotilhos encarnados, sobre as saias de chita clara. Na cabeça lenços de cambraia, sobre outros escarlates, por baixo dos chapéus desabados; nos pés chinelas de diferentes cores.)

VOZES — Viva o Sr. Morgado, a mais sua noiva!

MORGADO — Viva Fafe, e a bela rapaziada! Isto é que é gente! *(Estão afinando os instrumentos.)* Ó Pôncia! fazes favor de dizer lá ao estalajadeiro que ponha lá no pátio um cântaro de vinho para a rapaziada?

PÔNCIA — Cá vou dizer. *(Sai e volta depois para a janela.)*

(Rompe a música com descante. A primeira copla é cantada por homem, a segunda por mulher, e as outras o mesmo interpoladamente com curtos intervalos.)

CANTOR

E viva o Sr. Morgado
E mai la sua noiva querida;
Que é a fidalga da Amarante,
Por nome D. Hermenigilda.

CANTORA

D. Hermenigilda se chama
A fidalga d'Amarante
Que tem no peito o Sr. Morgado
Que é o mais sensível amante.

CANTOR

O mais sensível amante,
Agora te vou responder
Aquilo é homem como se quer
Que nos vai dar de beber.

CANTORA

Que nos vai dar de beber,
Vito sério regalar,
Viva a Sr.^a D. Hermenigilda
A mai lo seu lindo par.

MORGADO — Obrigado, rapazes, obrigado! Vão vocês beber até
lhe chegarem com o dedo.

VOZES — Viva o fidalgo! e a fidalga! viva! viva! (*Saem.*)

MORGADO — Ó Manuel da Boiça! deixa-me cá ficar a tua
viola.

MANUEL DA BOIÇA (*rindo alvarmente.*) — Ora o fidalgo quer
agora sacudir os dedos o seu tudo-nada! (*Dá-lhe a viola e sai.*)

MORGADO — Quero ver se ainda me lembram as cantigas da
minha mocidade!

CENA V

O MORGADO, HERMENIGILDA, E PÔNCIA

MORGADO (*depois de arpejar com ridículos esgares.*) — Ó prima,
olhe lá se gosta disto: (*Canta.*)

Alteia, mimosa Alteia,
Me maltratas com rigor;

E eu por ti ardendo sempre
Em vivas chamas d'amor!

PÔN CIA (*rindo.*) — Ora, com efeito!... O amor deu-lhe volta à cabeça, ó Sr. Morgado!

MORGADO — Que dizes tu lá, ó serpente!

PÔN CIA — Serpente!... Olha o peludo a chamar-me a mim serpente! Tenha juízo! Não sei o que me parece um fidalgo da sua casta a cantar na rua! (*Fecha a janela com força.*)

CENA VI

MORGADO E HERMENIGILDA

MORGADO (*arpejando outra vez.*) — Quer que eu cante a modinha outra vez?

D. HERMENIGILDA — Agora não, que vou comer o caldo. Está o paizinho à espera. Adeus até amanhã.

MORGADO — Pois então até amanhã, Hermenigilda amada! Sonhe comigo, ó priminha.

D. HERMENIGILDA — Com bem passe a noute, primo. (*Sai.*)

CENA VII

**MORGADO E BERNARDO REBUÇADO CAUTELOSAMENTE,
E PARADO NA ESQUINA FRONTEIRA**

MORGADO — Que encapotado é este?... (*Avizinha-se.*) Olé! que quer aqui?... Fale, ou despejo-lhe um bacamarte no bucho!

BERNARDO (*sem mostrar o rosto.*) — Pode passar que ninguém embarra consigo. (*Ouvem-se nove horas.*)

MORGADO — Aqui há coisa!... Já me não escapa... (*Sai e esconde-se, ficando visível à plateia.*)

CENA VIII

BERNARDO E HERMENIGILDA

(*Bernardo vai postar-se sob a janela de Hermenigilda que a descerra cautelosamente.*)

BERNARDO — Sois vós?

HERMENIGILDA — Sou eu; mas estou a comer o caldo, e volto logo. (*Fecha a janela.*)

BERNARDO — Está a comer o caldo!... Oh que monstro de inocência bruta!... (*Sai.*)

CENA IX

MORGADO, E DEPOIS HEITOR

MORGADO (*furioso.*) — É Bernardo! Agora é que eu dei nela! A mulher tem-me ingrampado! Por isso ela disse que eu sou velho!... Ferve-me a cabeça!... Não sei se dê cabo dele!

HEITOR (*à janela expetorando uma tosse de valentão.*) — Quem é que está aí?

MORGADO — Sou eu, primo Heitor.

HEITOR — Ah! isso é outra coisa! Cuidei que a rapariga tinha estado a falar com algum petimetre. Trago cá as minhas descon-fianças...

MORGADO — Tu que desconfias, ó primo?

HEITOR — Anda-me aqui aquele amigo do João Álvares...

MORGADO — Deste no vinte; é ele mesmo. Vi-o com estes.

HEITOR — Que viste tu?!

MORGADO — Depois falaremos. Tu vais-te já deitar?

HEITOR — Não; ainda vou procurar um homem lá de riba que me traz o dinheiro de uns bois, e não sabe onde eu moro.

MORGADO — Então vamos ambos.

HEITOR — Sobe, e bebes uma pinga do maduro. (*Recolhem-se.*)

CENA X

JOÃO, E D. VICÊNCIA, E PÔNICA MUI RECATADA NA JANELA,
CONTEMPLANDO O TERRAÇO

(*Vem surgindo a lua.*)

JOÃO — Anjo das noites formosas, confidente das estrelas, fada da minha vida, virás tu contar àquela lâmpada dos céus o mistério do teu amor? (*Aparece Vicência no terraço, preludiando numa viola francesa, em atitude de inspirada.*) É ela! Como a natureza conspira toda a fazê-la mais linda!

D. VICÊNCIA (*cantando.*)

Meiga lua, que segredo
Sabes tu do meu amor?
Dás-me tu um anjo ledo
Dos que adoram teu fulgor?

Meiga lua,
Mãe do amor,
Desce um anjo
À minha dor.

JOÃO — Seria uma barbaridade interrompê-la! Que magia! que paraíso terreal este!

PÔNICA (*a meia voz.*) — Que toleima! que casa d'orates!

D. VICÊNCIA (*cantando.*)

(*João faz apaixonados gestos enquanto ela canta.*)

Neste mar, que te retrata,
Quem me dera andar perdida!
Lá por entre ondas de prata
Voga a flor da minha vida.

Minha vida
É toda amores,
Toda sonhos,
Toda flores!

JOÃO (*saindo da sombra.*) — Não posso mais!... (*Alto.*) Ingrata será a meiga lua se vos não responder, ó inspirada cantora!

PÔNCIA (*à parte.*) — Agora é que elas vão ser!

D. VICÊNCIA — Quem me fala?

JOÃO — É João Álvares, a alma excruciada de João Álvares, que vos ama, senhora, que vos adora, arcanjo, que se humilha perante a vossa soberania!

PÔNCIA (*à parte.*) — Perdeu o siso o meu pobre menino! Nossa Senhora dos Remédios lhe acuda!

D. VICÊNCIA — Os meus amores não os tem a terra, senhor! Vago perdida como a ave que perdeu a memória das suas florestas. O seu coração dê-o às filhas das paixões mundanas, que eu, misérrima entre as mulheres, não espero encontrar alma que compreenda a minha!

PÔNCIA (*à parte.*) — Deixa que eu te vou botar água na fervura! (*Alto.*) Ó Sr.^a D. Vicência, Sr.^a D. Vicência!

D. VICÊNCIA — Quem é?

PÔNCIA — É a Pôncia. Faz favor de me dizer se a cabra ainda fica esta noite no quarto?

D. VICÊNCIA — Que vil prosa a desta mulher!

JOÃO — Sr.^a Pôncia, recolha-se!

PÔNCIA — Não se faça desentendida, ouviu? Olhe que eu, se me não tira a cabra de cima da cabeça, acaba-se esta noite o mundo!

D. VICÊNCIA — Sr. João Álvares, a bestialidade de sua serva reflete em V. S.^a (*Sai.*)

CENA XI
JOÃO E PÔNCIA

JOÃO — V. M.^{cê} envergonha-me!

PÔNCIA — Venha deitar-se, que estão as papas prontas! Má mês prá mulher! Olha o demónio que havia de vir agora lá de cascos de rolha com a cabra e com a guitarra! Venha deitar-se, Sr. João! Eu cá lhe vou arrefecer o caldo.

CENA XII
JOÃO, MORGADO, E HEITOR

(Os últimos saem da porta do hotel. João vai a retirar-se.)

MORGADO — Ele ali está o Bernardo.

HEITOR *(lançando-lhe a mão.)* — Ó su amigo!

JOÃO — Que quer o senhor?

MORGADO — Ah! este é o João Álvares. Enganei-me.

HEITOR — Perdoará. Cuidei que era o seu amigo Bernardo. Diga lá a esse borra-botas que eu sou homem de lhe tirar a colada pelas costas, ouviu?

JOÃO — Ouvi perfeitamente, que o senhor tem um excelente pulmão.

HEITOR — Diga-lhe lá que se tornar a bulir com minha filha, mando-lhe quebrar o espinhaço.

JOÃO — Com que então o meu amigo Bernardo buliu-lhe com a filha? Forte maroto!

HEITOR — Você está a mangar comigo?

JOÃO — Deus me defenda! Eu estou protestando contra o tratante que desinquieta meninas. O direito paternal é o mais sagrado dos direitos.

MORGADO — Apoiado!

JOÃO — V. Ex.^a tem carros de razão enquanto sustentar o decoro dos lares, e mantiver imaculada a prosápia ilustríssima de que borbulhou.

HEITOR (*ao morgado.*) — Que diz ele?

MORGADO (*assentindo com gravidade.*) — É aquilo que ele diz.

JOÃO — Mas, a falar a verdade, eu não sei se V. Ex.^a tem razões assaz fortes para tamanha zanga. O sujeito que namora sua filha é filho segundo de uma ilustre casa de Celorico de Basto. Por *Gamas*, deve pertencer ao venerando tronco do que dobrou o cabo tormentório, segundo consta de João de Barros, Lucena, Camões, e da história genealógica da casa real. Por *Castros*, descende por bastardia de um irmão de Inês de Castro, que veio casar a Celorico, e houve quatro filhos de D. Mécia da Gama, um dos quais foi D. abade de frades bentos, outro foi prior-mor de Cristo, o terceiro morreu em Alcácer-Quibir, e o quarto morreu em cheiro de santidade, e está inteiro. Já vê V. Ex.^a que o amante de sua filha não é qualquer borra-botas, como S. S.^a lhe chamou, no auge de sua paternal iracúndia. O que o Sr. Heitor deve indagar é se é honesto o intuito deste amor; e caso seja, apressar o enlace matrimonial.

MORGADO — Tudo aquilo é peta! e há de perdoar, Sr. João. O senhor esteve aí a improvisar. Qual filho de Inês de Castro! Ele é lá dessa família! Cuida que eu não sei que o avô dele foi almocreve! Meu pai deu-lhe muitas cargas de presuntos para Lisboa.

JOÃO — Hei de desmenti-lo com as genealogias mais acreditadas, Sr. Morgado!

MORGADO — Bem me importa cá a mim as suas *geologias*, ou que diabo é.

HEITOR — Está arrumado! Diga-lhe o meu recado, e acabou-se a pendência! Vamos ao homem dos bois que é tarde. (*Saem.*)

CENA XIII

JOÃO, SÓ

JOÃO — Vou avisar Bernardo, que não vão estes brutos deslombá-lo; mas onde o encontrarei eu? Talvez a jogar por conta do dote de Hermenigilda. (*Sai.*)

PÔN CIA (*à janela.*) — Então, Sr. João, vem tomar o caldo?

JOÃO — Maldita sejas tu! (*Sai com arremesso.*)

CENA XIV

PÔN CIA E D. HERMENIGILDA

PÔN CIA (*batendo com o cabo da vassoira na janela de D. Hermenigilda.*) — Ó menina, ó fidalguinha!

D. HERMENIGILDA — Estava aqui à espera de V. M.^{ce}

PÔN CIA (*passando-lhe um lenço atado na ponta do cabo.*) — Tome lá uma dúzia dos pastéis de Santa Clara.

D. HERMENIGILDA (*comendo um.*) — Bem-haja! Sabem que é um regalinho!

PÔN CIA — Pois coma, coma, minha querida menina. Olhe lá: sempre está na ideia de casar com seu primo morgado?

D. HERMENIGILDA (*com a boca cheia.*) — Ágora estou! O berzabum é que anda atrás de mim, que tem coisa má!

PÔN CIA — Mal empregada senhora nas unhas daquele brutamontes! A menina, se quiser casar com rapazes novos, e civilizados não lhe hão de faltar!

D. HERMENIGILDA — Pois isso é o que eu quero.

PÔN CIA — A Sr.^a D. Hermenigilda gosta bem sei eu de quem...

D. HERMENIGILDA — Vá a ver se adivinhou.

PÔN CIA (*com tristeza.*) — Nem lho quero dizer!... Se soubesse que extravagante ele é!...

D. HERMENIGILDA — O Bernardo?

PÔN CIA — Sim, meu anjinho do céu; o Bernardo tem perdido quanto tem a jogar. Por mais que meu amo o tenha querido tirar do vício, não se emenda. Ai! o meu amo! isso é que é um rapaz de mão cheia. Se houver de casar, minha fidalga, escolha um marido como o Sr. Joãozinho. Andam todas as mulheres atrás dele, e ele não tenha medo. Não quer nenhuma nem que lha pesem a oiro.

Ainda ontem eu lhe disse: ó Sr. Joãozinho, se V. S.^a encontrasse uma menina como a fidalga da Amarante!! — Com essa casava eu — disse ele logo... Coma outro pastel, minha menina.

D. HERMENIGILDA (*comendo.*) — Eles são tão bons!

PÔN CIA — E a fidalga casava com o Sr. Joãozinho, se acontecesse... sim... se, como diz lá o outro...

D. HERMENIGILDA — Eu não se me dava, se o paizinho deixasse...

PÔN CIA — Pois olhe, minha senhora, não se despeça de casar com ele... A gente quando quer deveras tudo se faz... Aí vem gente...

D. HERMENIGILDA — Então vou-me embora; não vá ser o paizinho.

PÔN CIA — Até amanhã... pense muito no Sr. Joãozinho, sim?

D. HERMENIGILDA — Faça-lhe visitas da minha parte. (*Saem das janelas.*)

CENA XV

BERNARDO E D. HERMENIGILDA

(*Quando Bernardo está atirando pedrinhas à vidraça de Hermenigilda passa o morgado escoando-se ao longo da parede do terraço, e fica espreitando.*)

BERNARDO (*a Hermenigilda.*) — É tal o prazer que me enche o coração, que não posso exprimir-vos quanto por vós sinto, desde o ditoso instante em que ver-vos e adorar-vos foi obra de um momento. O sentimento que meu terno peito nutre por vós, acaso ao vosso terá passado?

D. HERMENIGILDA — Eu passei bem, e o senhor?

BERNARDO — Como passará bem do corpo quem arde em vivas chamadas d'amor?

D. HERMENIGILDA — O senhor também sabe cantar a modinha das *vivas chamadas de amor*?

BERNARDO — Nada, não sei.

D. HERMENIGILDA — O primo morgado de Fafe canta que é um regalinho ouvi-lo esta moda: (*Recita: — Gesto de contentamento do morgado.*)

Alteia, mimosa Alteia,
Me maltratas com rigor,
E eu por ti ardendo sempre,
Em vivas chamadas d'amor.

O senhor não sabia este soneto?

BERNARDO — Não falemos das cantigas do morgado que é um bruto. (*Gesto de raiva do morgado, que sai.*) O que me importa saber é se tendes um afeto igual ao meu.

D. HERMENIGILDA — Isso lá, é consoante. Meu paizinho o dirá.

BERNARDO — Pois vosso pai é que vos manda amar?

D. HERMENIGILDA — O que ele diz é o que se faz. Casamentos não me faltam. Têm-me pedido muitos morgados, e ele diz que não.

BERNARDO — Mas eu não pergunto se quereis casar comigo.

D. HERMENIGILDA — Que quer então o senhor?

BERNARDO — Quero casar convosco; mas primeiro devo experimentar o vosso coração. Quero ser amado antes de ser vosso marido. Que sentis por mim?

D. HERMENIGILDA — Sinto muito bem.

BERNARDO — A minha carta que impressão vos fez?

D. HERMENIGILDA — Fez-me muita. Está muito bonita. Parece mesmo que é coisa de livros de histórias. Tenho lá na Amarante um livro chamado os *Contos do Trancoso*, e outro chamado as *Aventuras* de Teófilos ou Teófanos, ou uma palavra assim, que trazem muitos palavreados como a vossa carta.

BERNARDO (*consigo.*) — Que prodígio de estupidez! (*Alto.*) Vejo que me não amais!...

CENA XVI

**OS MESMOS, E O MORGADO COM O QUER QUE SEJA DEBAIXO
DO CAPOTE DE QUARTOS**

BERNARDO — Vejo que me não amais! O vosso coração é do morgado de Fafe!

D. HERMENIGILDA — Pois não foste!...

BERNARDO — Faltava-me ser vencido por um rival tão bruto!

(*O morgado sai da esquina onde está encoberto. Arranca de sob o capote um varapau, e cinge-se com a parede em atitude de valentão de arraial, escarrando grosso, a espaços.*)

D. HERMENIGILDA (*assustada.*) — Fuja que é o primo morgado de Fafe, fuja.

BERNARDO (*tirando um par de pistolas.*) — Eu não sou homem que fuja! Quem é que está aí a grunhir?

MORGADO — Faça o ato de contrição, que você está aí está na cova. Vai levar taponas de criar bicho! (*Bernardo engatilha.*) Ah! você traz pistolas?! Então o caso muda de figura. (*Tira do bolso interior do capote um bacamarte.*)

D. HERMENIGILDA (*saindo da janela.*) — Ai Jesus!

CENA XVII

Os MESMOS E JOÃO

JOÃO — Isto que vem a ser?

MORGADO — Um de nós há de lavar o chão com os focinhos. Arrede-se lá sor João, que eu quero matar o casaquinha!

JOÃO — Com que direito? O senhor quer matar um homem porque ele é amado numa mulher, infiel ao Sr. Morgado? Porventura tem aquele homem alguma obrigação de ser mais digno que a mulher que atraíçoa o Morgado?

MORGADO — Homem! você a modo que tem razão. Ela é que merecia um bom par de cachações. (*A Bernardo.*) Vá com Deus, homem!

JOÃO — Seja sempre assim, discreto. A valentia imprudente é a fúria dum louco. (*Sai, com Bernardo.*)

CENA XVIII

MORGADO, E DEPOIS D. VICÊNCIA NO TERRAÇO

MORGADO — Que hei de eu agora fazer? Como hei de eu vingar-me da traidora, que parecia mesmo uma lesma!

D. VICÊNCIA (*no terraço.*) — Ainda bem que todos estes alarves dormem! Agora poderei, a sós com a natureza, expandir a minha alma. (*Preludia no violão e canta fitando a lua:*)

(*O morgado encosta a clavina e o pau ao muro do terraço, e vai contemplar do centro.*)

Quando em ti meus olhos pasmo
Doce rainha dos céus,
Sinto ardente entusiasmo
Do porvir rasgando os véus.

Vejo um anjo
Todo amor,
Que, a sorrir,
Me diz: «ó flor!»

MORGADO (*batendo as palmas.*) — Muito bem, bravo, parece um roixinhol!

D. VICÊNCIA — Que gritaria! Quem faz tanta algazarra?

MORGADO — Sou eu, D. Vicência, sou eu, que dou cavaco pelo que é bom. Eu corto as orelhas se na ópera das comédias de S. Carlos na capital há quem cante como a senhora. Faz favor de tornar a cantar isso?

D. VICÊNCIA — Ora deixe-me, Sr. Morgado! Vou recolher-me.

MORGADO — Ó minha senhora, faça favor; eu não sei dizer melhor as cousas, se não dizia: por quem é, cante mais um migalho que me enche o coração de prazer.

D. VICÊNCIA — Por obediência canto. (*Repete.*)

(*O morgado mostra-se vivamente entusiasmado. Tira do dedo um brilhante, e embrulha-o no sobrescrito de uma carta. Vê-se João embuçado na esquina fronteira.*)

MORGADO — Ó Sr.^a D. Vicência! A senhora há de perdoar o meu atrevimento. (*Atira-lhe o embrulho.*)

D. VICÊNCIA (*apanhando.*) — Isto que é? um anel com brilhante? (*João aparece na janela do primeiro andar e Pôncia logo na do segundo.*)

MORGADO — Custou-me quarenta libras e uns pozinhos. É uma memória destes ditosos instantes que a senhora me deu. Eu estava triste como a noite; tinha cá dentro o demónio a trabalhar comigo, e desde que ouvi a menina, foi como se estivesse a arder, e me atirassem uma caldeira de água fresca pela cabeça abaixo. Fiquei consolado!

D. VICÊNCIA — Mas eu não devo aceitar este anel por modo nenhum.

MORGADO — Oh senhora, não me faça uma desfeita... Faça de conta que o recebeu da mão de um noivo.

D. VICÊNCIA — De um noivo! isso tem mais que se lhe diga.

MORGADO — Isto é um modo de falar... Eu bem sei que a senhora se não penteia para mim; mas pr'amigo sirvo como os que servem.

D. VICÊNCIA — Guardarei o anel como lembrança de um sincero amigo...

MORGADO — Pois guarde, guarde, e o resto quem viver o verá.

D. VICÊNCIA — O resto?!

MORGADO — Isto é um modo de falar... (*João e Pôncia soltam uma gargalhada.*) Vocês que estão aí a rir?

PÔNCIA (*debruçando-se para ver o terraço.*) — A mulher terá fadário de gata, que anda a miar pelos telhados? *Biche, biche, biche, farruca?*

(*Outra risada de João. — O morgado braceja furioso.*)

FIM DO SEGUNDO ATO

ATO III

A decoração do primeiro ato.

CENA I

D. VICÊNCIA, COM A CABRINHA

(Entra um criado, que lhe entrega uma carta, e sai.)

D. VICÊNCIA *(abrindo a carta.)* — É do procurador. *(Lendo.)* «Com o maior desgosto participo a V. Ex.^a que a sua demanda foi ontem decidida na relação, e V. Ex.^a foi *(grande sobressalto)* vítima da mais manifesta iniquidade. Deram como nulo o testamento de seu marido. A lei apenas concede a V. Ex.^a o usufruto dos bens livres, que segundo creio, pouco valem!» *(Cai prostrada na cadeira.)* Estou pobre!... Estão vingados os meus inimigos! Venceu a estupidez! *(Enxuga as lágrimas, e continua a leitura:)* Se V. Ex.^a permite que eu lhe dê um conselho, ousa lembrar-lhe que o mais conveniente passo que tem a dar é entrar num convento, onde pode viver com pouco em modesta obscuridade!» *(Amachuca na mão a carta.)* Não! convento, não! Nasci para a luz! *(Ergue-se de golpe.)* Quero a luz! quero a liberdade! Hei de achar um canto do mundo debaixo do sol!

CENA II

D. VICÊNCIA E O MORGADO

(O morgado traz um cabrito preso com uma fita.)

MORGADO (*muito meigo.*) — O coração amante apanha as inclinações do coração amado. Deu-me também na veneta de ter um cabritinho, minha rica senhora. Olhe como ele é bonito! E a cabrinha parece que está contente de o ver! O meu cabritinho também quer ter um nome. V. Ex.^a há de ser a madrinha. Ora diga lá como se há de chamar o meu bicho?

D. VICÊNCIA (*meditativa.*) — Encontra-me aflita, Sr. Morgado!

MORGADO — A cabra está doentinha? não me parece!... Então que tem? Dar-se-á caso que estes pelintras de Cabeceiras de Basto lhe fizessem alguma? Eu estou aqui para os trazer pelas orelhas à sua presença.

D. VICÊNCIA — Não, senhor, ninguém me ofendeu. São negócios de família.

MORGADO — A senhora não esteja zangada lá pelo que disse a Pôncia. Aquilo é uma azémola que não pode ver que eu vos ame, e que vós me ameis, porque o amo dela amava a vós. Forte pateta! Meteu-se-lhe no toitiço que vós podíeis amar a ele! Pedaço de...

D. VICÊNCIA — Coitado! Parece-me um moço delicado o tal João Álvares!

MORGADO — Ora adeus! Aquilo é um pandilha! Tem botado a perder muita cachopa, e mulher de juízo nenhuma lhe dá trela. Depois, o que ele tem não vale oito centos mil réis. Lá

esperto é ele, segundo diz o meu irmão frade; mas isto de esperteza cá pró arranjo do almoço, jantar e ceia, acho que é malhar em ferro frio. Olhe que eu mal sei escrever o meu nome; mas não sou asno. Quem ama tem o olho muito fino. Já dei fé da senhora gostar dele, e a falar-lhe a verdade, senti cá por dentro uns... uns... sim... uns, assim a modo de calafrios na espinha. (*Com veemência.*) Enfim, o que há de dizer-se ao tarde, diga-se ao cedo... eu tenho-lhe amor de raiz! (*Ajoelha aos pés de Vicência.*)

D. VICÊNCIA — Sr. Morgado! eu estou pasmada!... Queira erguer-se! (*Dá-lhe a mão, que ele beija, e aperta-lhe uma pulseira rica no braço.*) Que é isto? que faz?

MORGADO — Perdoai o meu atrevimento! É o coração que me obriga a estas asneiras! A paixão é cega. Chegou a minha hora de morrer de amor! Se não quereis amar-me, sede minha amiga, perdoai os meus atrevidos atrevimentos! O coração arrebenta-me d'amor! Oh céus! não sei que digo.

D. VICÊNCIA — Tranquelize-se, Sr. Morgado! Reconheço a nobreza de suas intenções, e não posso senão louvá-las. Acho-o digno da minha estima. O meu coração é grato.

MORGADO (*ajojelhando de novo.*) — Ó Vicência amada, sede minha esposa!...

CENA III

OS MESMOS, E JOÃO

(*João contempla o grupo. O morgado, ao vê-lo, ergue-se.*)

JOÃO (*entre irónico e pasmado.*) — Dar-se-á caso que Júpiter se convertesse em boi para arrebatar a formosa Europa!

MORGADO — Você chama-me boi, ó sor João!?

JOÃO — Pergunte à Sr.^a D. Vicência a explicação desta poética imagem. S. Ex.^a, como entendida em altas filosofias do amor, pode dizer-lhe quando é que fica bem a um deus do Olimpo metamorfosear-se em boi. (*Contempla o cabrito.*) Temos cabritinho! Era justo que Paulo e Virgínia se fizessem pastores! (*Ri às gargalhadas.*) Com efeito! O ridículo está tomando umas proporções assustadoras!

D. VICÊNCIA — Eu é que me não presto voluntariamente ao ridículo, senhor!

MORGADO (*a D. Vicência.*) — Ele disse-lhe alguma?

D. VICÊNCIA — Devo-lhe contas das minhas ações, Sr. João?

MORGADO — E eu também devo-lhe conta das minhas?

JOÃO — Devem contas à sociedade; porque a sociedade é o juízo inexorável dos ridículos de cada indivíduo da sociedade.

MORGADO — Homem, guarde lá o palavreado prás gazetas, e não se faça menino bonito, ouviu? Esta senhora deve-lhe alguma cousa?

JOÃO — Esta senhora deve-me o que deve ao mundo: a explicação da sua irrisória inclinação!

MORGADO — V. M.^{cê} quer polícia, Sr. João!

JOÃO — Não me ameace, Morgado. Olhe que eu contra a força bruta do pulso tenho um *revólver!*

D. VICÊNCIA — Sempre desejo saber o que o senhor quer de mim!

JOÃO (*riso sarcástico, postura solene.*) — Aqui está o que são as mulheres românticas! As mulheres que acham poesia na cabrinha branca! As mulheres que remedam a Esmeralda de Vítor Hugo! As mulheres que, alta noite, sobem aos terraços a descartar trovas à lua. As mulheres que erram na face da terra buscando coração de anjo que as compreenda! As mulheres românticas são isto! Depois de chorarem oito dias e oito noites, com saudades de um serafim que o céu lhes nega, acertam de encontrar o morgado de Fafe e apaixonam-se dele! Nisto se resolveu o amor da cabra, o amor da lua, e o amor do anjo! Oh! Miséria, vilipêndio, e exemplo atroz a futuros amadores de mulheres românticas!

D. VICÊNCIA — Desprezo os seus sarcasmos da altura da minha dignidade!

MORGADO — Também eu! E cale-me o bico, que eu boto-me a perder! Você importa-lhe que a Sr.^a D. Vicência seja minha esposa?

JOÃO (*trovejando.*) — Importa-me desmascarar hipócritas diante dum público respeitável!

MORGADO — Você não me grite, homem!

CENA IV

OS MESMOS E PÔNIA

PÔNIA — Que gritaria é esta? O Sr. Joãozinho está tão amarelo! Que tem?

JOÃO — Deixe-me!

PÔNCIA (*ao morgado.*) — Que foi isto? O senhor fez-lhe alguma! Desembuche, ande!

MORGADO — Não lhe fiz nada. Ele é que está aí a botar pela aquela boca fora quanto lhe lembra. Não queria que eu estivesse a conversar com a Sr.^a D. Vicência. Você já viu um lorpa desta casta?

PÔNCIA — Lorpa será ele! Olha o inxovedo que vem cá chamar lorpa a um homem que tem estudos. (*A João.*) E o menino que se lhe importa que ele converse com ela? Lé com lé, e cré com cré! Venha daí, Sr. João!

D. VICÊNCIA — Eu retiro-me! Não sirvo para estas cenas vergonhosas!

JOÃO (*irónico.*) — A senhora a falar em vergonha tem graça!... Espere! que há de ouvir-me! (*Coloca-se-lhe à frente, e ela recua para o morgado, que lhe toma a vanguarda.*)

MORGADO — Olhe que eu passo a vias de facto, ó su atrevido!

PÔNCIA (*agarrada às abas do chambre de João.*) — Não se bote a perder, Sr. Joãozinho! (*Puxa-o para o lado esquerdo da cena, enquanto Vicência faz o mesmo ao morgado.*)

MORGADO (*arremetendo-o.*) — Espatifo-o! Quero trincar-lhe os fígados!

JOÃO (*o mesmo.*) — Quero ensinar um bruto! Deixe-me tosquiar este camelo!

(As seguintes coplas são cantadas, e ajustadas à música do quarteto do 3.º ato d'I due Foscari. Cumpre que os atores arremedem os trejeitos furiosos dos cantores naquele quarteto.)

MORGADO só
 Não te faças fino,
 Que eu bem sei quem és,
 Hei-te pespegar-te
 Quatro pontapés.

JOÃO só
 És quadrado zote,
 És bruto indecente,
 Digno da Vicência,
 Vergonha da gente.

D. VICÊNCIA só
 Deixemos o parvo,
 Que não tem pataco;
 Vem, meu Antoninho,
 Não lhe dê cavaco.

PÔNCIA só
 Deixemos a tola
 Que fala co'a lua;
 Venha, Joãozinho;
 Mande-os à tábua!

MORGADO só
 Ai! que eu vou-te às ventas
 Sem dó nem clemência,
 Se tu me namoras
 A minha Vicência.

JOÃO só
 A mim faz-me nojo
 Essa tal Vicência
 Que te está vendendo
 A vil consciência.

TODOS
 Que vão bugiar
 Não digas mais nada.
 Não dêmos cavaco
 A tal canalhada.

(Repete.)

CENA V

OS MESMOS, E QUATRO SUJEITOS, QUE SAEM DOS QUARTOS LATERAIS
EMBRULHADOS EM COBERTORES COM BARRETES DE DORMIR.

ENTRAM A PASSO GRAVE

UM SUJEITO — Que infernal bulha é esta! São dez horas da manhã. Estamos no primeiro sono. E há uns alarves que vêm gritar aqui sem respeito ao repouso dos seus vizinhos!

MORGADO — Os senhores não têm vergonha de virem assim diante desta senhora? (*Indicando Vicência.*)

PÔN CIA (*indicando-se a si.*) — E desta?

MORGADO — Vão-se vestir! Tragam um casaco, se não quiserem levar uma casaca! Recolham-se, senão vou dar parte ao regedor! Aparecerem assim diante duma menina!

PÔN CIA (*tapando o rosto com o avental.*) — Isso é verdade!

UM DOS SUJEITOS — Respeitemos o pudor do belo sexo.

TODOS — Respeitemos. (*Saem.*)

D. VICÊNCIA (*apertando a mão ao morgado.*) — Morgado! para a vida, e para a morte! (*Sai.*)

MORGADO — Qual morte nem meia morte! Agora é que nós vamos viver. (*Sai e volta à cena.*) Ó su amigo, agora, se quer alguma coisa, é cá para fora! Venha daí, se é homem! (*João quer sair. Pôncia agarra-o.*)

PÔN CIA (*ao morgado.*) — Eu se vou buscar o cabo da bassoirá!...

MORGADO — Pois vai, minha jiboia!

PÔN CIA (*ainda retendo João.*) — Ah! grande bruto!... (*O morgado sai.*)

CENA VI

JOÃO E PÔN CIA

PÔN CIA — Menino, eu estava a ver se a Sr.^a D. Hermenigilda dava fé desta desordem por causa da Vicência!

JOÃO — E que tinha isso? Que me importa a mim a Hermenigilda?

PÔN CIA — O senhor está a ler! Então não sabe que, se Deus e S. Gonçalo d'Amarante nos ajudar, o menino está aqui, e está rico a não saber o que tem de seu?

JOÃO — Não entendo! Como é isso, tia Pôn cia?

PÔN CIA — Cale-se, cale-se, que já tenho esperanças de morrer contente, deixando-o nos braços de sua mulher, com uma casa farta e cheia de tudo. Hermenigilda é sua mulher, ou eu não sou Pôn cia do Rosário.

JOÃO — Que está a dizer, mulher?! Pois não sabe que Hermenigilda namora o meu amigo Bernardo de Castro?

PÔN CIA — Isso está desmanchado! Mau foi eu meter-me nisto!... Tanto se lhe dá ela do Bernardo como do morgado. O que ela quer é casar com o Sr. Joãozinho.

JOÃO — Mas eu é que não sou capaz de atraiçoar o meu amigo. A minha principal riqueza é a honra. E de mais disso, Hermenigilda é muito estúpida.

PÔN CIA — É estúpida? As espertas é que são boas, não são? Olhe lá no que deu a esperteza da Vicência! Aquela é que lhe servia, sim? Ora, Sr. Joãozinho! sempre lhe digo que essa sua cabeça é uma abóbora! Levou uma lição daquela casta, e não aprendeu nada! Pelos modos, o menino vai ver se encontra outra fidúcia que tenha uma cabra, e que ande pelos telhados a botar versos aos planetas! Valha-o Deus, que está cada vez mais tonto! Sr. João, tome o meu conselho: mulher para o arranjo da vida como a D. Hermenigilda, más maleitas me apanhem, se o senhor topar outra. Não quer? O senhor torcerá as orelhas. A culpa tenho-a eu de andar metida nestas balbúrdias. Que hei de eu agora dizer à pobre menina? De mais a mais fiquei de arranjar com que o Sr. Joãozinho lhe falasse hoje para se declararem um ao outro, e vai agora...

JOÃO — Ó mulher, V. M.^{cé} é mentecapta! Pois cuida que, ainda mesmo que eu quisesse casar com Hermenigilda, o pai ma dava?

PÔN CIA — Isso deixe-o por minha conta; eu arranjarei tudo.

JOÃO — De que modo? Explique-se.

PÔN CIA — Não tenho tempo agora. Quer ou não quer?

JOÃO — Eu não sei que faça!... Você está a tentar-me, Pôn cia! Sinto que se está torcendo a minha vocação! Isto é um fenómeno! Por ventura, estarei eu também corrompido! A indignidade do coração humano será contagiosa?!

PÔN CIA — O senhor está aí a pregar? Isto é pau-pau, pedra-pedra. Vou buscá-la?

JOÃO — Buscar o quê?

PÔN CIA — A noiva.

JOÃO — Enfim!...

PÔNCIA — Demore-se um migalho... Oh! com a breca!... Aí vem o Bernardo. Imponte-o depressa!... (*Sai.*)

CENA VII

JOÃO E BERNARDO

BERNARDO — Ó João, podes emprestar-me duas libras até me chegar dinheiro de casa?

JOÃO — Donde vens tu, que te não vejo há dois dias?

BERNARDO — Da espelunca. Lá comi e dormi e larguei as últimas relíquias de vinte libras.

JOÃO — E a respeito de Hermenigilda?

BERNARDO — Nem mais me lembrou a parva criatura! Aquilo não me serve, porque há de ser difícil de mover o quadrúpede paternal! Mas enquanto a ela, fazes lá ideia da selvagem que ali está! Cada palavra que diz são três asneiras das que gelam o mais vulcânico amor! Deixa-a ir pró morgado, que vai para onde a destinou a natureza.

JOÃO — Decididamente não queres mais nada da Hermenigilda?

BERNARDO — Queria-lhe o chapéu que ela trouxe da Amarante para me embarcar nele para a Califórnia, em perdendo a última jeira do património! Dá cá as duas libras, que me foge o palpite.

JOÃO — Faz-te desarranjo vir buscá-las logo? A Pôncia é que tem o dinheiro; e, se eu lho vou pedir agora, a mulher sabe que é para ires jogar, e não mo dá.

BERNARDO — Então volto logo. Vou à praia ver uma Felizarda de Atei que é menos boçal que Hermenigilda, e não é menos rica. Até depois. (*Sai.*)

CENA VIII

JOÃO, PÔNICA, E DEPOIS HERMENIGILDA

PÔNICA (*espreitando.*) — Já saiu?

JOÃO — Já. (*Pônica retrocede.*) Agora já a minha dignidade não sofre.

PÔNICA (*para fora.*) — Venha, menina; não tenha vergonha.

JOÃO (*indo receber Hermenigilda.*) — Minha senhora, acabo de receber a agradável notícia de que V. Ex.^a me ama, e deseja ser minha esposa. Eu não me atrevia a mostrar-lhe o igual desejo, que me domina, desde que tive a dita de a ver; mas agora, visto que os nossos corações se encontraram, saiba V. Ex.^a que eu a amo com todas as veras da minha alma.

D. HERMENIGILDA (*com muito pudor.*) — Também eu.

PÔNICA — Conversem, conversem que eu vou aqui prá janela espreitar que não venha o paizinho. (*Vai debruçar-se na janela.*)

JOÃO (*dando-lhe uma cadeira.*) — Queira sentar-se, meu amor.

D. HERMENIGILDA — Estou bem de pé; é pra crescer.

JOÃO — Então, por quem é, sente-se, minha querida menina. (*Sentam-se ambos aproximados.*) Está, pois, resolvida a ser minha esposa? (*Toma-lhe uma mão com meiguice, e ela retrai a mão com enfado.*)

D. HERMENIGILDA — Não vale bulir-me nas mãos.

JOÃO — Ó minha senhora, peço-lhe que não se ofenda de uma ação tão inocente. Cuidei que o anjo que há de ser minha esposa me consentiria que eu lhe beijasse a mão, que brevemente há de ser minha.

D. HERMENIGILDA — Quando for sua, então a beijará.

JOÃO — Pois sim, minha querida. Respeito as suas vontades todas. Ora diga-me (*À parte.*) Cego seja eu, se sei o que lhe hei de dizer! Ora diga-me... Tem realmente vontade de ser minha esposa?

D. HERMENIGILDA — Pois eu!... se o paizinho deixar...

JOÃO — E havemos de ser muito venturosos, muito amiguinhos... (*Vai a tocar-lhe a mão, que ela retira.*)

D. HERMENIGILDA — Não bula.

JOÃO — Perdão, minha adorada; o amor faz-me imprudente... Deixe-me dizer-lhe: essa sua repugnância em se deixar acariciar faz-me supor que me não ama.

D. HERMENIGILDA — A gente pode amar sem estar a bulir nas mãos.

JOÃO — Diz bem, minha cara menina. A virtude é assim; e eu tão raras vezes tenho encontrado a virtude, que sinto vontade de lhe dobrar o joelho! Se me concedesse ao menos que eu a adorasse... (*Ajoelha.*)

D. HERMENIGILDA — Eu não sou santa nenhuma. Isso de que serve?...

JOÃO — Porque não me há de permitir que eu lhe beije a mão?

PÔN CIA (*para fora.*) — Deixe-lhe beijar a mão, menina; todas as noivas deixam beijar as mãos a seus maridos.

D. HERMENIGILDA — Pois então aí tem.

(*Quando João lhe está beijando a mão, surge Vicência à porta do seu quarto, e solta uma gargalhada. Erguem-se.*)

CENA IX

Os MESMOS E D. VICÊNCIA

D. VICÊNCIA (*irónica.*) — Aqui está o que são os homens românticos! Os folhetinistas ideais de Guimarães! As almas excruciadas que se humilham aos arcanjos! Estes poetas, quando encontram a Hermenigilda da Amarante apaixonam-se dela, e mandam o seu estilo e as suas sátiras aos estúpidos de presente aos tolos! Oh! miséria! vilipêndio! e exemplo atroz a futuras namoradas de homens românticos! (*Entra e fecha a porta com força.*)

CENA X

JOÃO, PÔN CIA E D. HERMENIGILDA

PÔN CIA — Ouviu, ó sua bisbilhoteira?

D. HERMENIGILDA — Ela que esteve a dizer?

PÔN CIA — É que endoudeceu a pateta da mulher! Não faça caso.

D. HERMENIGILDA — Ah! ela está doidinha?

JOÃO — Penso que sim, minha querida.

PÔN CIA (*agitada.*) — Aí vem o Sr. Heitor. Vão-se embora, que eu fico a esperá-lo aqui. (*Saem.*)

CENA XI

PÔN CIA, E DEPOIS HEITOR

PÔN CIA — Agora é que eu me vou ver em apertos! Meu S. Gonçalo d'Amarante, não me desampares. (*Entra Heitor.*) Deus lhe dê muito bom dia, Sr. Heitor.

HEITOR (*sem reparar nela, atravessando.*) — Viva.

PÔN CIA — Leva muita pressa?

HEITOR — Você que tem com isso?

PÔN CIA — Queria-lhe uma palavra em particular.

HEITOR — Então que temos?

PÔN CIA — Faz favor de se sentar, que é negócio de costa arriba.

HEITOR — Negócio?! Eu não tenho negócios com você.

PÔN CIA — É negócio de família.

HEITOR — Que tem você que dizer à honra da minha casa?

PÔN CIA — Bendito seja o Senhor! não tenho que dizer senão bem.

HEITOR — Então, bote cá fora o que tem no bucho.

PÔNCIA — Lá vamos, lá vamos; mas faça favor de sentar-se, que eu, se dá licença, também me sento.

HEITOR (*sentando-se.*) — Vamos a isso.

PÔNCIA — V. Ex.^a, fidalgo, é um pai como há poucos, e quer que sua filha tenha bons créditos.

HEITOR — E a minha filha tem maus créditos?

PÔNCIA — Não tem, graças ao Altíssimo; mas é bom casá-la para que as más-línguas lhe não peguem a sujar a virtude.

HEITOR — Quem é que suja a virtude de minha filha? É o Bernardo? esse patife do jogador?

PÔNCIA — Quem é que fala no Bernardo! Olha quem! Se a sua menina dava cavaco ao engrimanço! A Sr.^a D. Hermenigilda tem muito juízo, e sabe o que lhe convém. O marido que ela quer é outro, que só eu sei o que vale.

HEITOR — Então quem é? Pois a rapariga escolheu marido?

PÔNCIA — Foi o seu anjo da guarda que lho escolheu. Erga as mãos a Deus, fidalgo! que genro assim não topa o senhor outro!

HEITOR — Como se chama?

PÔNCIA — Sou Pôncia do Rosário para o servir.

HEITOR — Não digo você, é ele.

PÔN CIA — Ah! o namorado da senhora sua filha? É meu amo.

HEITOR (*erguendo-se.*) — Quem? o João Álvares de Freixedo?! Você acho que bebeu demais ao almoço, ó mulher!

PÔN CIA — Ágora bebi; estou muito no meu juízo.

HEITOR — Pois seu amo, que não tem coisa que valha duas juntas de bois, e que é um troca-tintas, atreveu-se a olhar prá minha filha?

PÔN CIA — Sr. Heitor, meu amo não é troca-tintas, e tem uma casa que lhe dá pra comer e beber à farta. O fidalgo está enganado com ele. Em quanto a sangue olhe que é do melhor de Cabeceiras de Basto, e, se não é rico, também não pede nada a ninguém.

HEITOR — Não me conte lérias. Não quero, não quero, não quero semelhante genro!

PÔN CIA — Pois não queira, Sr. Heitor; mas olhe bem o que eu lhe digo... Sua filha está ali está acolá nas ondas do mar.

HEITOR — Que diz você?

PÔN CIA — Chegue cá a orelha. (*Heitor chega-lhe o ouvido, e escuta alguma coisa que o faz saltar.*)

HEITOR — Você está a mentir, mulher!

PÔN CIA — Oxalá que mentisse!...

HEITOR (*furioso.*) — Eu vou matar seu amo!

PÔN CIA — Sr. Heitor, venha cá, não meta a sua alma no inferno. Olhe que a vida são dois dias. Se o mata a ele, mata sua filha, mata-me a mim, mata-se a si, morremos todos. Oiça o que lhe diz esta velha, que tem visto muita coisa. Deixe casar sua filha, que tapa as bocas do mundo. Olhe que ela bota-se a afogar, em sabendo que V. Ex.^a sabe da sua desgraça. Lembre-se que aquele anjinho de perfeição não se fez para o comerem os peixes. Em bom pano cai uma nódoa, e o casamento é a melhor barreira destas nódoas. Daqui a pouco, o fidalgo há de ser tão amigo do seu genro e dos seus netinhos que inda me há de dizer: «Ó Pôn cia, tu fostes um anjo que me apareceste!» Sr. Heitor, lembre-se que está còs pés na cova, e que sua filha não lhe fecha os olhos, se V. Ex.^a a não deixa casar.

HEITOR (*bufando aflito.*) — Isto é de dar cabo de um homem!...

PÔN CIA (*muito meiga.*) — Sr. Heitor! Tenha paciência, que tudo se remedeia com o casamento. O Sr. Joãozinho inda há de vir a ser um grande homem! Olhe que ele já serviu três anos de juiz ordinário em Cabeceiras de Basto, e fala-se em que vai para deputado, e ele já disse que, em sendo deputado, não volta à terra sem vir comendador ou barão! Sr. Heitor, tenha alma! dê o *sim* a sua filha, e veja as minhas lágrimas!

HEITOR (*consigo.*) — Que hei de eu fazer-lhe!... Não tenho senão aquela!... Maldita hora em que vim à Foz!...

PÔN CIA — Não diga isso que é pecado. Isto já assim veio talhado lá de cima, fidalgo. Vou dar-lhe a boa nova? vou?...

HEITOR — Não lhe diga nada; vá-se embora; deixe-me pensar.

PÔN CIA (*saindo.*) — Caiu na ratoeira! Eu sempre sou uma grande mulher!

CENA XII

HEITOR E MORGADO

MORGADO — Que estás aí a fazer tão casmurro, ó primo?

HEITOR — Deixa-me que estou pra dar um estoiro!

MORGADO (*à parte.*) — Há de ser por eu lhe não casar com a filha! (*Heitor ergue-se e passeia muito agitado.*)

HEITOR — Pra que vim eu à Foz! A rapariga estava tão sossegada lá em riba! Andava tão alegre a cantar lá pelos souts, e a tratar dos perus e dos patos! Era a minha alegria vê-la a fazer a barrela com as criadas!... Ai! que eu arrebento!

MORGADO (*à parte.*) — Não me enganei. (*Alto.*) Primo Heitor, eu vou-te a dizer o que sinto, e tem paciência. Eu não caso com tua filha, porque aquela cabeça não regula bem. Tu já sabes o que aconteceu. Um homem, que casa, deve olhar ao futuro, e atirar com o coração pra trás das costas, quando a coisa lhe não bacoreja. A falar-te a verdade, depois que tua filha começou a malucar, eu voltei-me para D. Vicência, e ela caiu-me no gotto. Fiz-lhe dois dedos de namoro, e conheci que ela me tinha amor de dentro. Dei-lhe a minha palavra de casar com ela, e agora não tenho remédio senão levá-la à igreja.

HEITOR — Pois leva, e deixa-me, homem! Tu não sabes o que eu tenho!

MORGADO — Sei que tens boa casa; mas eu pra viver à farta, graças a Deus, também tenho. Eu, se casasse com a tua filha, não era pr'amor do dote, ouviste?

HEITOR — Quem te fala nisso, homem? A minha filha deu em droga. Agora não há remédio senão casá-la.

MORGADO — Deu em droga! Põe lá isso em miúdos!

HEITOR — Não me perguntes nada. Vai tratar da tua vida!

CENA XIII

OS MESMOS, D. HERMENIGILDA, JOÃO, E PÔN CIA

PÔN CIA (*para fora.*) — Faça como eu lhe ensinei. Veja lá!...

D. HERMENIGILDA (*entrando, e indo ajoelhar aos pés do pai.*) — Sr. paizinho! eu quero casar com o Sr. João Álvares.

HEITOR — Ingrata filha! fizeste-a boa!... podes limpar as mãos à parede! Foi pra isso que eu te trouxe a banhos do mar. Que fizeste, Hermenigilda!

D. HERMENIGILDA — Eu não fiz nada! Se o paizinho me não deixa casar, vou-me botar ao mar!

JOÃO (*ajoelhando ao lado dela.*) — Sr. Heitor Falcão, os culpados são dois, devem ser duas as vítimas da sua justiça. Castigue-me a mim, e poupe sua virtuosa filha que está inocente.

HEITOR — Não está má a virtude! Ponham-se a prumo. Não quero cá ninguém de gíolhos como nas comédias.

MORGADO (*rindo muito.*) — Eu estou pasmado do que vejo! Que manfarrico de embrulhada é esta!?

PÔN CIA — De que está a rir-se este peludo?

MORGADO (*sério.*) — Olhe que eu dou-lhe um tapa-olho, sua lagarta.

PÔNCIA — Pois não deste! Venha para cá!...

HEITOR (*a Hermenigilda.*) — Com que então queres casar com este sujeito?

D. HERMENIGILDA — Pois eu!...

HEITOR — Pois tu!... Ah! velhaca, que parecias uma lorpa, e enganaste-me!... Casem, casem. Lá se avenham.

JOÃO — Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

PÔNCIA (*a Hermenigilda.*) — Vá a menina pelo outro lado, e faça o mesmo.

D. HERMENIGILDA — Permita que eu lhe beije a mão, e lhe dê o doce nome de pai.

MORGADO (*gargalhando.*) — Ai! que comédia! Isto é perdido em pouca gente!

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS, D. VICÊNCIA, E BERNARDO, E OS SUJEITOS DOS COBERTORES

D. VICÊNCIA (*saindo do seu quarto.*) — Que bulha, que bulha, fazem! (*Os sujeitos saem dos quartos laterais.*)

UM SUJEITO — Não é possível dormir nesta infernal casa!

MORGADO — Calem-se lá, sus indecentes! D. Vicência, veja isto, veja isto! O amigo João vai casar com a menina da Amarante!

D. VICÊNCIA — Não me espanto!...

PÔN CIA — Nem se deve espantar.

MORGADO — Quem te chamou cá, ó abelha-mestra?

PÔN CIA — Ninguém; vim eu responder àquela senhora, que é muito esperta.

MORGADO — E tu és muito bruta.

BERNARDO (*à parte a João.*) — Tu agora podes emprestar-me cem libras a ver se me desforro?

JOÃO — Isso não é pr'áqui. Fala-me amanhã.

MORGADO — Oiçam lá, que vai falar um homem! Estão feitas as pazes! São dois casamentos no mesmo dia, e daqui vamos comer as assaduras a minha casa. D. Vicência, minha adorada esposa, tu há de ensinar a prima Hermenigilda a falar francês.

JOÃO — Não quero que minha mulher saiba francês... Muito obrigado!

MORGADO — Pois eu vou aprender francês, e depois vamos viajar. Pró ano hei de ir a Lisboa mostrar quem é o morgado de Fafe; e as lisboetas hão de ficar de boca aberta, quando virem minha mulher.

FIM

Um grande divertimento. Este morgado de Fafe rivaliza com o mais famoso Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda de *A queda dum anjo*, além disso capaz de resgatar do esquecimento o teatro de Camilo, exaltando o de comédia.

Abel Barros Baptista

edição crítica
CAMILO
CASTELO
BRANCO